

CIBEC/INEP



B0008392

MEC

DEF

CODEAT

POLITICA

29/OUTUBRO

A

1º/NOVEMBRO

1973

BRASÍLIA

SEMINARIO DE
ESTUDOS SOCIAIS
PARA O
ENSINO DE
1º GRAU

3
7e

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Í N D I C E

Capítulo I

NOTAS SOBRE A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Capítulo II

CIÊNCIA "UNA" E AS CIÊNCIAS NO CAMPO SOCIAL

Capítulo III

CIÊNCIAS SOCIAIS - EDUCAÇÃO SOB NOVO SIGNO DA **POLÍTICA**
MUNDIAL

Capítulo [V

FINS E NOVOS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (SÍNTESE)

Capítulo V

EDUCAÇÃO "IDÉIA-OBRA" NO TEMPO - BIBLIOGRAFIA

MEC-DEF

CODEAT

SEMINÁRIO SOBRE ESTUDOS SOCIAIS NO ENSINO DE 1º GRAU

TEMA: EDUCAÇÃO, ENSINO E CIÊNCIAS SOCIAIS EM FACE DE NOVA FILOSOFIA DA POLÍTICA NO MUNDO

AUTOR: DANTE PACINI

I

NOTAS SOBRE A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO é função da CIÊNCIA POLÍTICA. É função prática em firma de regular o ENSINO no experimental e dogmático sob funda orientação filosófico-metódica. EDUCAÇÃO é essa função como também é CULTURA, SAÚDE, SANEAMENTO, como também é DESENVOLVIMENTO e SEGURANÇA, como também é TRANSPORTE, HABITAÇÃO, TRABALHO, etc., elementos estes ou formas estas - todos adequados a uma Ciência Política "possível" , como o são, analogamente, os denominados POVO, SOBERANIA, AUTORIDADE, TERRITÓRIO, ESTADO, etc. Assim, a EDUCAÇÃO, sob dimensão-filosófica, não é Pedagogia, nem Psicologia, nem qualquer Ciência, porque é uma função dinâmica da idéia-poder, ou melhor, o uma evidência da "ação-poder" da POLÍTICA - em maior ou menor amplitude para querer que o homem aprenda a viver pelo fazer e saber. Sob tal dimensão, a EDUCAÇÃO não incute a idéia de que seja um sistema estático doutrinal marcado no tempo histórico pela mesma significação, com os mesmos anseios que a modelaram sob muitas formas políticas desde os primórdios da vida tribal movediça ou incerta. A sua idéia se restaurou várias vezes, por muitas razões ou motivos, na deformação ou imperfeição humanista, desde o período oriental e escrival da mais remota Antigüidade, desde o início da civilização greco-latina, desde a invasão dos bárbaros e o surgimento das nações européias , desde a época medieval com os seus métodos pedagógicos absorventes e preponderantemente religiosos, desde a Renascença que procura modelar a chamada Educação Moderna restaurada no Classicismo Ocidental e no seu humanismo controverso, enfim, desde os fins do Século XIX,

quando se parece fechar um longo ciclo cultural e abrir uma vasta crise filosófico-educacional neste nosso Século XX, em todas as áreas ou em todo o mundo. Dentre outros, o problema educacional das gerações jovens torna-se desafiante e aterrador neste final de Século pelo que significam as suas soluções nos inúmeros países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, muitos dos quais só no decorrer deste Século se libertaram das amarras colonialistas sob influência ideológica e numerológica de ordem política, econômica e social as mais desconcertantes e nefastas. Assim e que, principalmente depois da última Guerra Mundial (1939-1945), fazem-se mais graves e confusas as restaurações políticas de se enfrentar as conseqüências de uma Cultura finda no Século XIX, a um mesmo tempo em que se precipitam as múltiplas inovações de se anteceder a uma nova "era" no tecnológico e industrial que a cada dia nos avizinha para exaltar ou amesquinhar o homem ou a sua sociedade diante de um mundo diferente e de outros valores. Ora, se a Educação se subordina ou se coordena politicamente ao tipo de vida de uma civilização, aos seus usos e costumes, aos seus modelos políticos, sabe-se, mormente agora neste tumultuado fim de Século, que os seus princípios estão sempre em transição, as vezes mais para cultivar a força, o poder, a luta pela guerra, do que as virtudes ou a inteligência - pela paz. Os velhos quadros políticos dos impérios ou das nações do mundo, por suas alterações no tempo e espaço, face as guerras civis ou entre povos, sempre alteraram o corpo doutrinário da Educação, inclusive para nos confundir sobre a tradição de suas diretrizes e bases, deixaram-nos, sim, esses quadros, lembranças históricas ou certas provas de sua civilização, mas não uma dinâmica doutrinária de Educação de uma forma filosófico-científica incontroversa como medida de valor de ordem unitária e política. Que significa verdadeiramente o Classicismo ou o Humanismo a nos legado desde a Antigüidade em face dos sérios problemas políticos do mundo de hoje, especificamente para se questionar os valores da Educação da nossa juventude? Na verdade, a Educação se mostra sempre embrionária se os seus princípios não se firmam em uma sábia metafísica de ação política. Essa dependência da Educação diante da Ciência Política pode ser vista e estudada desde o Classicismo ao tempo mítico de HOMERO até nossos dias. Daí se verá que as falsas restaurações ou reformas da Educação como Ensino resultam diretamente da influência de um estado-po-

lítico ainda precário ou embrionário em que se encontra a civilização humana, evolucionariamente, em razão de cada *povo* ou nação ou em razão do contexto internacional do conagraçamento de todos os povos. Em suma, quer tudo isto dizer que a Educação é, em última análise, orientação política para o estudo ou a prática do "bem", não so em razão de uma época histórica, mas de todas as épocas, com a meta de sempre querer delinear pelo Ensino o melhor futuro por tudo que se possa crer que ele represente no vir-a-ser para as gerações jovens que se sucedem no tempo e no espaço.

A Educação nao é regra do fazer ou saber, mas do poder político para se crer no homem-inteligente, que cria e produz, que percebe e pensa para intentar conhecer a si mesmo tanto quanto a vida e o mundo onde se encontra circunstanciado e posto. A Educação e pois um domínio da inteligência que se vive para se perceber e pensar sobre ela, para se filosofar e penetrá-la a fundo e daí se saber achar a sua meta no Ensino. Se o Ensino é ensinável pela Ciência, pela Teologia, pela Arte - eis aí em parte realizada uma função importante da Educação por seus elevados fins de ordem metódica ou prática. Pela Filosofia so indaga sobro essa questão ou se procura abrange-la, mas sabendo-se que a Política da Educação não é objeto da Filosofia "pura", mas da Filosofia Geral ou da Filosofia da Ciência, ou seja, em especificidade, da Filosofia "metódica" (ver "grande divisão da Filosofia", Esquema I, do nosso ensaio "Desafio da Metafísica à Razão", 1972). Sôbre esse tema se dirá que a Filosofia pura e sempre tida, erroneamente ou nao, como pertencente ao domínio da percepção ou do pensamento de ordem abstrata. Dir-se-ia que, sob o ponto de vista do imediatismo filosofico-científico, tal fato seja realmente observável para um ordem do conhecimento mais pragmático, metódico ou prático. Dir-se-ia ainda de outra maneira que -frontalmente ao abstrato não ensinável da Filosofia pura, tem - se que a Filosofia metódica, vista sob o ponto de vista educacional, e o assomo progressivo, sistemático, formal, existencial e consistencial de todas culturas ensináveis na ordem "experimental" e "dogmática", na suposição de que assim traduz uma comunicação ou expressão mais positiva e concreta das realidades percebidas e pensadas

no nosso mundo dinâmico, criativo e produtivo. Mas, nesse caso, por consequência, se diria também que a Política de Educação, por sua razão metódica em face do Ensino, ou melhor, por sua "dimensão-filosófica" - e sempre uma contradição do si mesma no ensinável, porque a sua progressão nunca é rigorosamente consonante com as exigências de uma Filosofia pura, incondicionada, substancial, essencial, informal, transcendental. Todos se perguntam sobre as questões filosóficas mais diversas, inclusive as concernentes a Educação e ao Ensino, mas poucos se arriscam a uma espécie de insensatez ou angústia intelectual de buscar uma resposta sobre essas questões acima sintetizadas. Poucos iriam a raiz dessas questões ou desses objetos, porque também temeriam em sentir ou defrontar com a concretude de um abstrato maior e insuportável ao nível do entendimento comum ou mais ordinário sobre essas questões ou coisas, Mas, se isso acontece, não poucos desses poucos saberiam também que tais indagações não são simples especulações abstratas, mas uma direcional do espírito categórico mostrada como preocupação filosófica do nosso desespero existencial de querer fazer melhor ou sempre querer saber mais no mundo de nos-mesmos e nós-outros, mundo complexo que nos desafia em sua compreensão ou em seu entendimento último pela sua ordem superior do conhecimento e sentimento. Na área da Política de Educação - a Filosofia é metafísica-de-ação que orienta e dirige, que supervisiona e observa, que forma e exalta os valores mais puros do homem livre e autêntico, tudo para que o Ensino se torne ensinável mesmo através dessas indagações mais fundas do fazer e saber, por meio da didática dos estudos experimentais e dogmáticos, da comunicação e expressão de ordem inteligente, da informação da vida, da Ciência, da Tecnologia, da Arte.

Poder-se-ia no Ensino não-ensinável se deixar a Filosofia, mesmo a "metódica", como um intervalo ou um abismo de que nunca se cuida na Política Educacional ?

So os estudos experimentais e dogmáticos, sem linha de universalização e unificação filosófica, se bastariam, sem o perigo de saturação científica no tempo para nada significarem Cf mo um verdadeiro ideal de realização espiritual do homem inteligente ?

Eis porque se entende que a Filosofia da Educação é uma elevada função política que abrange toda idéia ou ação-poder do

W.H. KILPATRICK, AUGUST MESSER, 3. ORTEGA Y GASSET, JEAN PIAGET e outros, presta grande contribuição bibliográfica para se abranger a importância da discussão filosófica no campo do planejamento educacional. Por exemplo, AUGUST MESSER, no seu artigo "Cultura y Educación", alinhado por LUZURIAGA no citado livro, diz que - "toda Pedagogia há de basear-se em uma Filosofia da Cultura", Para MESSER a essência da Cultura é uma "filosofia-dos-valores". Interpretando MESSER, LUZURIAGA considera que - "a Educação depende da concepção-do-mundo que cada época possui, e a Pedagogia depende da Filosofia". Com referência a JOHN DEWEY, LUZURIAGA transcreve seu artigo "Alguns aspectos de la Educación Moderna", no qual aquele afirma que - "a Democracia será uma farsa a menos que os indivíduos sejam preparados para pensar por si mesmos, para julgar independentemente, para serem críticos, para serem capazes de discernir as propagandas sutis e os motivos que as inspiram". Assim termina DEWEY o seu referido artigo: - "quando os ideais da Democracia se façam reais em nosso sistema de educação, aquela será uma realidade uma vez mais em nossa vida nacional". Nota-se que a Filosofia de JOHN DEWEY, inspirada em CHARLES SANDERS PEIRCE, é pragmática, assim vista ou interpretada como uma típica metafísica-de-ação-educacional ligada aos altos princípios democráticos da Política Americana. No nosso último livro "Política e Direito" (Filosofia e Ciência), edição BORSOI deste ano de 1973, vemos que a Filosofia Norte-Americana, desde CHARLES SANDERS PEIRCE e outros, procura salientar o valor pragmático do homem e da vida, mas não se fez até hoje melhor entendida por que os mais práticos ou utilitários de tal versão acham que, por isso, o "ser-pragmático" é sempre um tanto ou quanto afastado da Filosofia pura ou metódica. Porque, justificam ou crêem alguns, o "pragmatismo" não é propriamente uma Filosofia, mas apenas uma atitude ou uma orientação para a vida, interpreta-se ao contrário, isto é, que o "pragmatismo" é um momento-filosófico além de uma sua compreensão teórica. Assim, enquanto a Filosofia não se assenta teoricamente por sua função-metafísica natural, a sua versão pragmática ordena uma atividade na frente para conduzir o homem ao seu "agir" e fetivo em face da realidade da vida e do mundo. Verificamos também em análise naquele livro que, por exemplo, se o homem se atém a só especular o lado transcendental da Filosofia, por isso quase sempre a torna dissonante para se chegar à formação de muitos prin-

homem em razão de suas categorias inatas o adquiridas no campo existencial e consistencial, na ordem metafísica, positiva, mística, moral e estética. É comunicação e expressão de formar o espírito para tornar o Ensino planejável, sistematizável, informarei, não para o benefício de uns poucos, mas de muitos, de todos. Em alguns países, tal Filosofia, mesmo por sua conotação apenas metódica, ou não é cogitado, ou se faz ensinável como um saber a parte, ou, mais raramente, concebe-se dentro da própria idéia mais universalizada e unificada da Educação. Observa-se, contudo, que todo autêntico educador ou todo professor com vocação para exercer a sua elevada profissão de ensinar, está sempre a filosofar sobre essas questões, porque naturalmente se enraíza com a Filosofia ao defrontar com o sumo problema da Educação, da Cultura, do Ensino,

Como assinala PIERRE FURTER ("Educação e Reflexão"), ao se referir aos problemas educacionais, - "o desprezo pela Filosofia é um erro". Estranhar FURTER que numa publicação da UNESCO sobre "Princípios del Planeamiento de la educación", não haja referência a Filosofia nem a Psicologia. A própria UNESCO não teria, nesse caso, ainda atinado com uma nova formulação da Filosofia em sua forma metódica, ou seja, como parte integrante de toda e qualquer Ciência por sua tridimensionalidade "filosófica", "experimental" e "dogmática". Sem dimensão-filosófica nenhuma Ciência se integra como unidade do conhecimento ou, sob outro aspecto, a sua atividade não subentende o chamado "homem-global". Eis porque se observa que o descaso pela Filosofia é um erro (FURTER), quer se trate especificamente do planejamento da Educação (função da Ciência Política), quer se considerem os muitos aspectos de outras Ciências entrosadas com a Filosofia, como a Sociologia, o Direito, a Economia, a Biologia, a Antropologia, a Psicologia, etc., como a Matemática, a Física, a Química, etc. LORENZO LUZURIAGA, in "Ideas pedagógicas del siglo XX", livro em que reúne trabalhos de alguns dos mais destacados representantes da Pedagogia e Educação, como JOHN DEWEY, EDOUARD CLAPARÉDC,

cipios que não se rompem, como assim se pode constatar através da atividade racionalista vista desde a Grécia antiga até os fins do Século XIX, com o nosso Século XX em crise filosófico-científica a esse respeito, Quer dizer, a Filosofia não é só transcendentalidade, se e também "metódico" em sua razão positiva e pragmática ou por toda metafísica-de-ação que objetivamente configura no racional e real da vida humano. Seria errôneo pressupor, portanto, que os americanos em geral, inclusive os brasileiros, não cultivam a Filosofia ou são contra a analítica metafísica do entendimento, do conhecimento e do sentimento, só porque se situam sob um ângulo diferente do tradicionalismo filosófico dos europeus. Mas, ainda buscando em LUZURIAGA o pronunciamento desses notáveis pensadores que arrola em seu livro sobre as idéias pedagógicas do nosso Século, encontramos ORTEGA Y GASSET ("Pedagogia Y Anacronismo"), em cuja crítica das idéias conclui que - "o pedagogo não tem sido quase nunca o filósofo de sua Pedagogia". Vê GASSET que - "a Pedagogia deve adaptar-se à Política" (visão acertada deste ilustre filósofo ao reconhecer que a Educação jamais deixou de ser uma função da Ciência Política). A esse respeito, torna-se mais explícito GASSET ao dizer em seu artigo que - "para todo o mundo parecerá evidente que é a Política que deve adaptar-se à Pedagogia, a qual conquistara seus fins próprios e sublimes". GASSET vê nisso uma antiga aspiração filosófica com a qual sonhara PLATÃO.

LORENZO LUZURIAGA ("Ideas Pedagógicas del Siglo XX", obra cit.) também arrola em seu livro um artigo de DEAN PIAGET, sob o título "El nacimiento de la inteligencia en el niño". Observa LUZURIAGA a respeito que PIAGET, na qualidade de pedagogo, se resume em fazer uma "psicologização-da-educação". Por muito que seja o valor de PIAGET como educador, vê também LUZURIAGA que nesse campo "sua força maior é a Psicologia Infantil sobre a qual publicou mais de duas dezenas de obras do maior interesse". Pará PIAGET - "educar é adaptar o indivíduo ao meio social ambiente, mas sem que isto suponha a supressão da personalidade infantil diferente da do adulto";

Sob o prisma filosófico-metódico, continuando-se a estudar o citado artigo da PIAGET mencionado por LUZURIAGA, nota-se, entretanto, em síntese, que aquêle psicólogo considera que - " a ação v/ai adiante do pensamento", e que - "o pensamento consiste somente em uma tomada de consciência dos resultados obtidos pela ação". Em crítica, parece que esses pressupostos sobre a "ação" e o "pensamento" de PIAGET são mais filosóficos do que psicológicos, duvidosos para que sejam aceitos sem discussão no campo filosófico-científico. Eis que parece certa a especificação de LUZURIAGA ao confinar PIAGET no específico âmbito psicológico da Educação, sem lhe destacar qualquer contribuição maior para a Filosofia a qual parece adverso, mormente quando esta unidade do entendimento se aprofunda para dimensionar o vasto campo perceptual da "meta-física", notadamente em razão da equação "perceber-pensar", (1) Que é perceber e pensar? Que é ação e pensamento? Que é idéia? É uma palavra, um texto, um livro, toda uma obra intelectual? Que é o número? Tória PIAGET respondeu a essas indagações com apenas uma frase através dos seus pressupostos psicológicos, sem ajuda da Filosofia? Por onde, discordar de PIAGET sob esse aspecto, quando o psicólogo vê que o pensamento c

(1) Nos nossos trabalhos analíticos temos procurado convalidar a função "meta-física" do entendimento humano, do conhecimento e do sentimento, sob base filosófica e científico. Um no "organon" da questão do "perceber" nos levaria a compreender melhor a "ação" do espírito-em-ato? Temos procurado, pois, mostrar a complexidade filosófica da discussão sobre essa questão do perceber e pensar - sobre as implicações diversos dos sensíveis do entendimento, o binômio imagem-idéia, a diversificação sobre a temática imagem-idéia-e-pensamento, as formas antitéticas do entendimento, a problemática da linguagem filosófico-científica, etc, Temos também procurado abrir uma discussão fundo sobre o problema da Cultura e Ideologia, da Ciência e Tecnologia, do niilismo-metafísico, etc. Em "Desafio da Metafísica a Razão", não só propusemos uma novo e grande divisão da Filosofia, em sua razão "pura" e "metódica", como também equacionamos, don

somente uma tomada de consciência dos resultados da ação, é também se certificar de que só a Psicologia, sem interdimensão filosófica, experimental e dogmática com as outras Ciências, não seria capaz de nos dar uma resposta cabal a esse respeito. No seu livro "Para onde vai a Educação" (?), por exemplo, PIAGET se extremava para achar que a Filosofia é uma disciplina "literária" e que a sua frágil posição "decorre do fato de que, após ter visto separar-se dela a Lógica, a Psicologia e a Sociologia, ela assiste hoje em dia à elaboração de epistemologias matemáticas, físicas e psico-genéticas, etc, cuja reunião, isto é fácil de prever, haverá de constituir a epistemologia de amanhã". Para PIAGET, tal questão - "reside pois em saber se a organização escolar do futuro irá manter por tradição os privilégios abusivos da Filosofia", ou só (grifado) - "os ensinamentos de cultura geral irão enveredar, enfim, pelo caminho do estruturalismo científico". Ora, pelo muito que PIAGET tenha contribuído para a Educação, mormente no campo da Psicologia Infantil, será ingênuo se achar pelo que ele diz sem nenhuma base filosófica que a Psicologia já tenha, hoje, uma posição declaradamente científica, de vez que, como parece, tal Ciência ainda engatinha no meio de conjeturas e métodos confusos, duvidosos, como tantas outras que querem se estender com processos preconceituais para atingir a rea-

tre outras, as seguintes questões:- Que são formas-sintéticas ou sensíveis-proprios dos sentidos? - Que é e como se subdivide a "idéia"? - Que é e como se subdivide o "numero"? Ver os cinco livros do autor - que formam uma "pentalogia" sobre a investigação do entendimento humano: - 'Crítica do conhecimento'(1960); "Sínteses e hipóteses do ser-humano"(1967); "Crise filosófica do século atual" (1969); "Problemática de uma nova filosofia metafísica de comunicação do entendimento humano" (1970); e "Desafio da Metafísica à Razão" (1972), *Mer* ainda "Política e Direito" (Filosofia e Ciência) 1973, trabalho em que o autor aplica na ordem metafísico-pragmática os princípios vistos nessa "pentalogia" em face das 3 mutações da Própria Filosofia contemporânea.

lidade do homem-global. A independência da Psicologia em face da Filosofia, mormente sob o ponto de vista epistemológico, é aparente, porquanto, não só a Psicologia, como também nenhuma outra Ciência, sob o prisma "metodico-estrutural", poderia promover tal cisão (não se refere a Filosofia "pura", mas a sua dimensão "metódica"). Na verdade, é a Filosofia "metódica" que dá integração dimensional ou interdimensional a toda unidade científica para que esta se universalize e se unifique em face do chamado "homem-global". Por último, ainda, cabe esclarecer que, mesmo por um rápido exame da obra de PIAGET, o seu maior recurso foi ou sempre tem sido o de adotar o método de uma não declarada "metafísica-científica", a qual, naturalmente, se estriba na Filosofia, ou melhor, na "dimensão-filosofica" condicionada a Psicológica - que assim se vai formando como uma Ciência autêntica no campo unificado do entendimento humano. Essa observação sobre PIAGET, longe de lhe tirar o mérito pelo valor das suas inúmeras contribuições no campo da Psicologia Educacional, visa apenas a registrar que a falsa interpretação de sua posição declaradamente anti-filosófica ou antimetafísica poderia acarretar uma influência negativa para intensificar erroneamente a materialização da vida ou do homem através de um sensismo extremado diante do incógnito campo da Psicologia do espírito. Justifica-se que, se a Filosofia também pode ser acusada de abusiva ao descambar para um materialismo lógico-dialético radical, por subliminação ou subversão ideológica de seus elevados princípios, de outro modo ela tem sido a esperança de que, por uma sua maior circunspeção de ordem analítica, toda a sua essência se mostra como fundamente espiritualista, mesmo em face das antinomias ou contradições vistas entre os grandes pensadores - ao enfrentarem o desafio de questionar a razão-inteligente maior dos fins superiores a que se sujeitam a Ciência do homem e do mundo a que se encontra. Parece oportuno aqui lembrar, pois, a posição de FREDERICK D. BREED que, no seu artigo "La Filosofía realista y la Educación" (arrolado por Kilpatrick e outros no livro "Filosofía de la Educación"), vê que - "de acordo com BERTRAND RUSSEL e outros filósofos modernos, consideramos a Filosofia como algo contínuo da Ciência, não separado dela". Assim definida ou compreendido, para BREED ela - "não tem materiais nem métodos peculiares, mas *cm* prega os materiais e os métodos da Ciência". Acrescenta ainda BREED que a Filosofia "difere da Ciência no grau de generalidade de seus

problemas". Por isso se verifica que - "os filósofos deste tipo se interessam mais que a maior parte dos cientistas pelas concepções fundamentais das diferentes Ciências". Colocam-se assim, reconhece ainda BREED, em uma posição melhor para intentar a "integração-do-entendimento-humano" . Com efeito, diz BREED - " no movimento atual em favor da unidade da Ciência se observa uma tentativa organizada cooperativamente para alcançar essa integração".

O problema da Educação dos nossos tempos exige funda circunspecção da Filosofia aliada a todas as Ciências para, pelo menos, se dar ao homem a noção do perigo que o cerca no seu tempo histórico depois de um ciclo cultural fechado no Século XIX (as razões de se achar que estamos diante de um ciclo fechado da Cultura podem ser vistas em análise nos nossos estudos anteriores, especificamente nos mencionados na Nota 1, deste Capítulo). É grande o número de filósofos que trataram desse problema crucial da Educação , como PLATÃO, ARISTÓTELES, TOMÁS DE AQUINO, HOBBS, LOCKE, HUME, KANT, HEGEL, SPENCER, COMTE, DEWEY e muitos outros. PLATÃO E ARISTÓTELES tomaram a Educação como um tema essencialmente político. Outros fizeram da Educação o centro de suas maiores preocupações filosóficas, mas atinando ou não que os seus estudos só faziam sem apoio por falta de uma Ciência Política no mundo. Se se discute ainda a POLÍTICA como sendo uma "arte" ou uma "ciência", sob que bases filosóficas ou científicas poderiam os pensadores ajustar as suas premissas metafísicas para estruturar a Educação em função da ideia-poder ou ação -poder do homem, como povo, nação ou Estado? Assim se verifica, em última análise, que o problema da Educação sempre existiu, desde milênios antes da "era-cristã" e, para o mundo ocidental, desde a época "pré-socrática", mas sempre cogitado a margem da ausência de uma Ciência Política capaz de englobar interesses comuns dos homens em quaisquer situações econômicas ou sociais, situações estas que antigamente se faziam as mais humilhantes diante do absolutismo de poderes políticos exercidos como privilégio de uns poucos diante de muitos, num mundo bárbaro e escravo. A "democracia", por exem-

plo, nasceu no mundo ocidental na época de PÉRICLES, conforme dela falam ARISTÓTELES, CÍCERO e muitos outros. Com o poderio do Império Romano e a continuidade histórica da formação de outros impérios até nos, no entanto, ficou ela com os seus princípios adormecidos pelo tempo de cerca de dois milênios, só se notando ressurgida com certa força ou amplitude no Século XVIII, propriamente com a Independência dos Estados Unidos. São poucos, portanto, os países que realmente a experimentaram com proveito, adaptando os seus princípios às estruturas políticas, econômicas, educacionais, etc, de seus governos. Sabe-se, no entanto, que a monarquia, a aristocracia, a democracia, assim como a comunocracia (comunismo), a sociocracia (socialismo), a tecnocracia (tecnologismo), a tributocracia (economismo), etc, são todas a expressão de formas de governo de ontem, hoje ou amanhã, mas dogmaticamente ideacionadas por uma CIÊNCIA POLÍTICA "embrionária" ou em formação ainda precária no nosso mundo. São elas, pois, formas ou modelos que não se imitam ou não se copiam na prática, principalmente se ideologicamente dogmatizados para iludir politicamente as nações bem dirigidas ou bem encetadas em suas metas evolucionárias de progresso, desenvolvimento e segurança social. Todas essas formas dogmáticas de governo nos sugerem elementos bem ideacionados e construtivos como também utópicos, subvertidos e destrutivos - como os de afeição, sabedoria, liberdade, igualdade, participação, técnica, elitização, equilíbrio econômico, riqueza, etc., contrapostos os de tirania, oligarquia, anarquia, desigualdade, subversão, violência, opressão, comunização, impopularidade, burocratização, massificação, empobrecimento, espoliação, miséria, etc. (ver nosso estudo "Política e Direito", obra cit., especificamente capítulo VI). AUGUSTO COMTE, por exemplo, ao simbolizar o fechamento de um ciclo histórico nos fins do Século XIX, achava que, antes, tudo era litúrgico ou teológico, que tal estado fora ultrapassado pelo "metafísico", fase pré-positiva. Que estado-teológico ultrapassado seria esse que nem rudimentos tinha sobre os verdadeiros princípios de uma ordem política no mundo? Como se poderia ultrapassar o estado de alguma coisa imaginária ou que apenas se ideacionara de modo vago na metafísica deturpada da História? Não teria vivido até agora a Humanidade no seu mais bárbaro "estado-positivo" , com um frágil entendimento de uma sua ordem "meta-física" que ainda está para vir-a-ser? O estado-teológico não

é "utópico" diante da realidade histórica do homem de todos os tempos ? Eis que, por isso mesmo, teria achado COMTE que a proposição de uma nova Ciência - a SOCIOLOGIA, por ele estudada e estruturada em bases iniciais, se mostraria problemática, inclusive para evidenciá-la como, das Ciências, a mais complexa. Na verdade, a SOCIOLOGIA para COMTE não significava o que lhe parecia transparecer em sua funda percepção meta-física para pensar sobre ela como uma "física-social", mas como uma "anti-coisa" que a ausência de uma CIÊNCIA POLÍTICA lhe fazia buscar no vazio de suas elevadas elucubrações - para propugnar pela necessidade da reforma social e conter a invasão da "anarquia" que, a pouco e pouco, avassalava a sociedade. Tanto assim parece que COMTE acaba intitulado os seus últimos estudos de "Sistema de Política Positiva". Mas, que "política" seria essa com o significado de "sociologia" - a ausência de uma CIÊNCIA POLÍTICA que suplantaria em complexidade a qualquer outra Ciência no mundo ? Quer dizer, a obra de COMTE, no seu conjunto, tem uma profunda mensagem de ordem educacional, que abre a discussão do "fato-social" como forma complexa da acuidade meta-física científica na ordem "positiva". Essa mensagem envolve várias direções cientificamente perquiríveis, inclusive a de se crer daí em uma nova Ciência - a SOCIOLOGIA. Mas, e a POLÍTICA como Ciência - onde ficou na História e no próprio "sistema-de-política-positiva" de COMTE ? Vê-se que, sem uma CIÊNCIA POLÍTICA ainda aberta ao conhecimento do homem, toda mensagem educacional até hoje tem dependido das bases metafísicas de cada filósofo ou cientista, segundo as correntes do pensamento em que se entrosa ou aprofunda, segundo as suas convicções, antes vistas sob uma influência realista ou idealista, ao depois sob uma influência racionalista ou empirista e, por último, sob influências derivadas dessas primeiras, como tomista, evolucionista, positivista, pragmatista, existencialista, etc, todas vistas sob um cunho mais ou menos materialista ou mais ou menos espiritualista. O filósofo, o cientista, o educador, o sociólogo, o economista, o psicólogo, etc, cada um, por isso mesmo, se mostraria ou se transpareceria por suas mensagens de ordem educacional como moderado, conservador, revolucionário, extremista, agnóstico, ceticista, derrotista, mas todos deixando antever nas entrelinhas de suas ideias ou signações reformistas o falta de base em uma Ciência Política à altura do sentido humanista que elas mereceriam para

a realização do bem-comum de todo povo ou de toda nação, da Humanidade. OLIVIER REBOUL ("La Philosophie de l'Éducation") vê, por exemplo, que - "a Educação é inseparável da Política, isto é, da vida da cidade (da nação politicamente organizada), das relações econômicas e sociais que constituem, da forma de seu governo". Sabe-se como REBOUL que os filósofos gregos estudaram esta ligação, por PLATÃO, cuja "República" se tem como um Tratado de Educação, e por ARISTÓTELES que, em sua "Política", opõe-se ao Mestre para dialogar contestações éticas a esse respeito. Quer dizer, contesta-se pela Filosofia da Educação, mas não apenas só restringindo sobre isso a discussão dos problemas pedagógicos, mas por razões políticas com o elevado fim de abranger toda a problemática do homem, da sua infância a sua condição de adulto, para que a sociedade não se faça representar como uma realidade neurotizante em que tudo se conflita para fazer refletir um estado de "metapsicopatia cultural" cada vez mais intenso, como se o próprio homem quisesse afogá-la na modicidade de um niilismo-metafísico desajustado e funesto ou em uma seria crise-de-valores em que todos se fazem protagonistas ou observadores no mundo atual. Sobre isso LAPASSADE, citado por REBOUL, acha que uma sociedade educável encerraria sempre uma "contestação--permanente" , mesmo quando liberada das suas bases materiais de "alienação". Outros achariam, sob esse prisma, que a sociedade humana só faz cada vez mais "patológica". O niilismo que a absorve não seria uma espécie de conflito permanente de gerações, mas o sintoma de um declínio de ordem mística, moral e estética que se voltaria involuntariamente para tornar os homens marginais, débeis marcusianistas transfigurados como adolescentes permanentes encerrados em suas sínteses instintivas. Põe-se assim em dúvida que os planejamentos educacionais em face do ensino ou da aprendizagem não satisfaçam as exigências de uma sociedade-industrial cada vez mais ativa, mormente quando esta se inclina abruptamente para uma sua forma "numerológica" de quantificar ou englobar o homem, inclusive para despolitizá-lo sob outras formas esmagantes até então não experimentados em face de princípios ou de leis que pressupostamente justificariam a continuidade de seu determinismo histórico. Para OLIVIER REBOUL (obra cit.), "a nossa civilização sofre de um excesso de seres humanos" e, assim,- "ela só arrisca a perecer sem ser adulta". Na verdade, hoje, não se pode perceber ou pensar sobre os aspectos cívicos

e morais da Educação adstrita a realidade de uma só nação ou de um só povo, mas em termos globais do homem em toda parte, em todo o mundo que se reduz para se tornar uma "'cidade-colosso' ", na qual se absorvem todas as culturas, de todas as idades, antiga, média, moderna e contemporânea, pré-histórica e histórica. A Cultura tinha como "centro" do mundo a Europa, mas hoje não gira ela mais em torno de nenhum continente ou de nenhum país, isoladamente, mas em torno do mundo todo, englobado, com nações ou povos ricos e pobres unidos em suas igualdades-desiguais ou em suas desigualdades-iguais, aglomerados em suas semelhanças ou dessemelhanças sociais - para não permitir que se julgue que o destino de uns e outras se possa separar desse "todo". O progresso alternado de retrocessos, nesse ou naquele centro, nessa ou naquela época, tem hoje a sua representação no todo-mundo, porque não há destinos separados de culturas ou civilizações em nenhuma parte, ou também porque, se a sociedade tende para ser vítima de sua insensatez ou um fracasso de sua própria inteligência mal usada na construção do homem, todo domínio como abuso da idéia-poder ou ação-poder presenciará a reversibilidade desse mal político de não ter conseguido fazer com que aquela construção atingisse o alto objetivo de educar o "homem-transcendente" para fora-de-si mesmo, em sua comunidade ou sociedade, na Humanidade. A Educação seria na prática o Ensino dessa transcendência no homem - social, no seu fora-de-si junto ao seu próximo na exterioridade que reúne infinitos valores que nenhum indivíduo só em-si mesmo pode acumular, para que então aspire a uma liberdade-maior, ou seja, de pertencer ao gênero-humano, de se dignificar para a participação da vida em comunhão fraterna por tudo que o mundo oferece de mais grandioso e duradouro, na sua ordem material e espiritual.

II

CIÊNCIA "UNA" E AS CIÊNCIAS NO CAMPO SOCIAL

Por hipótese, se o mundo parasse um instante qualquer, em todo o seu movimento complexo, a fim de permitir uma contemplação detalhada e total da sua infra e super-estrutura, por certo se tornaria viável mostrar a que ponto chegou a sua evolução na relatividade em função do absoluto. Poder-se-ia, então, verificar qual e o verdadeiro entrelaçamento atingido. pelos sistemas filosófico-científicos até aquele ponto de parada. Obviamente, ter-se-ia assim uma última sistemática do conhecimento alcançado em sua ordem filosófica , experimental o dogmático, estampada ou fotografada no fixo, supostamente definitiva e completa, porquanto tudo parou num determinado ponto ou momento, por evidência das leis próprias ou adequadas a tais circunstâncias, leis indiscutivelmente vigentes e válidas ate o instante daquela hipotética suspensão ou solução de mobilidade evolutiva contínua. Ora, se essa hipótese pode ser dada como absurda, serve, entretanto, para demonstrar, insofismavelmente, que toda sistematização filosófico-científica é sempre precária e variável por motivo da própria noção de movimento físico e meta-físico do Universo pequeno e grande, percebida nos seres, nas coisas , nos fenômenos, no mundo, na Humanidade. Mostra essa hipótese, pois, que uma das principais características dos sistemas filosóficos ou científicos é⁵ ter sempre, relativamente, um conteúdo variável. No mundo metafísico-inteligente nao se pressupõe, portanto, que possa haver uma sistematização completa e definitiva de qualquer Ciência

"particular" - em movimento contínuo atual e evolutivo. Nenhuma Ciência particular, se assim se faz devidamente classificada, erguer-se-ia mais do que outra em face de um princípio maior de sua contextura ou de sua coordenação interrelacional filosófico-científica, pois que cada uma é necessária e útil naquilo que representa por si mesma como expressão em-si e fora-de-si no campo de um entendimento unificado, no seu valor essencial e acidental, na sua tridimensionalidade filosófica, experimental e dogmática, no seu plano, na sua relativa ascendência ou subordinação de condição momentânea, por razões ou motivos óbvios. Por onde se considera que - se a Ciência não pode apresentar-se como uma só no plano relativa e se encadeia em uma série de Ciências particulares, cada uma destas se faz como representação da idéia de uma sua última unidade, não em-si, mas fora-de-si, pelo que significa na sua ordem metafísico-positiva, pragmaticamente ou positivamente. Cada uma delas, em sua representação, portanto, obedece a determinados princípios no que concerne a sua contextura dimensional, embora tendo a sua forma expansiva própria, dentro do plano em que se situa particularmente, ou de um campo filosófico-científico unificado maior, onde subentendidamente se entrelaçariam ou se conjugariam todas as Ciências. Assim, por esse raciocínio, sabe-se que muitas são as variações apresentadas por uma mesma Ciência particular. Porque esta seria sempre um sistema que se delimita a uma relativa autonomia ou centralização de conhecimentos mais específicos ou de seu restrito âmbito ou, sob outro prisma, seria sempre uma espécie de instrumento inserido em um contexto maior que se utiliza ou presta auxílio a outras Ciências também particulares congêneres em razão de um saber total. Aliás, essa relativa autonomia ou centralização a que se refere é que dá razão de ser a uma Ciência particular, seja esta considerada como mais ou menos definida, como mais ou menos exata, para que assim se mostre ou se justifique como uma unidade operável no fora-de-si expressável, na ordem pragmática do útil e necessário de todo conhecimento alcançável no mundo relativo, positivo e social, Quer dizer, a multiplicação científica reflexiva ou projetiva, fora de um seu núcleo-comum, pode ser verdadeira ou falsa se e ou não e uma forma de não estender ou estender sob controle uma imensa área do conhecimento propriamente dito, ou melhor, se não obedece a leis certas e regulativas que visam a assegurar a formação dessas unidades relativamen-

te autônomas - a qua se denominam de "ciências-particulares" . Projs supõe-se por uma dimensão relativa do alta expressão filosofico-motódica que o mundo é o homem, assim como a Filosofia, a Ciência, a Teologia e a Arte são o homem. So relativamente isso é uma verdade, nao seria o mundo que percebe e pensa. Por conseqüência, nao e a Filosofia, a Ciência, a Teologia e a Arte que pensam. É o homem que percebe e pensa para criar e produzir o sou mundo, a sua Filosofia, Ciência, Teologia o Arte. Assim, parece que o homem percebe e pensa para diversificar-unificar o unificar-diversificar um so entendimento do Universo-inteligente, a que so sujeita cm plano maior para ser, estar, ter e haver em plano-menor de sua evolução material-espiritual. As leis maiores a que se sujeita o homem para sor e vir-a-ser, dentro do sua racionalidade o realidade, são de ordem "fisica" e "meta-física", razão por que o homem que percebe e pensa é idéia, número, juízo, conceito, valor, qualidade, quantidade, relação, modalidade, dedução, indução, adução, analogia, semelhança, comparação, etc, assim como e ente, objeto, coisa, fato, fenômeno, acidente, concreto, relativo, etc, em uma sua última comunicação ou expressão metafísico-positiva. Assim se entende ou so sensibiliza categoricamente como ser-metafísico ou ser-positivo, mas também para se perceber ou sor percebido dentro de uma ordem ética universal, como um ser-místico, moral e estético, para formar em-si e fora-de-si, no individual e, principalmente, no contexto social, a idéia do DEUS, do infinito, do absoluto, da substancia, da essência, do bem, do amor, do direito, do dever, da justiça, da paz, da liberdade, da igualdade, da fraternidade, da responsabilidade, intencionalidade, do belo, do equilíbrio, da harmonia, etc Por isso mesmo, hermeticamente, interiormente, o homem é também uma imagem indecifrável de suas formas percebidas o pensadas, de sua comunicação o expressão no seu chamado mundo-inteligente e circunstancial, Ele é sempre, por exemplo, no fora-de-si social, idéia convertida dessa sua misteriosa imagem quando se faz "ação" verbal de ser, estar, ter e haver né mundo que cria e produz. Esse mundo o ele e o outro de si mesmo e de suas circunstancias globais. Essa ideia e texto e contexto de sua imagem de livre recepção de aspectos racionais e reais que - ou independe de toda presença de coisas ou objetos, ou a ela se liga para figurá-los em comunicação e expressão, subjetiva ou objetivamente, por ideação ou significação extro-

versa do que ele aparenta ser como uma equação de ordem físico-metafísica. Diz-se, por exemplo, que a situação global do homem mudou e que a sua própria imagem foi atingido pela aceleração e pelo dinamismo históricos. De fato, enfrenta o homem uma espécie de "defasagem" do seu mundo percebido e pensado, criado e produzido por ele mesmo - mundo que se circunstancia exteriormente como um desafio da metafísica a razão:- que implica na mudança de atitude em relação a natureza de um seu próprio entendimento mais apurado em funda prospectivo humanista e social; ou que implica na passividade de manter um "status quo" conflitante de um academismo cultural findo para realidades do nosso tempo. Esse "desafio", que agora mostra a precariedade de toda teoria do entendimento em face de uma nova versão do "meta-física", evidencia que o nosso academismo tradicional esta em crise neste final de Século. A Filosofia "metódica" já comprova isto no campo científico, inclusive parou mostrar que a ordem "Física" e "Meta-física" do conhecimento na sua razão falsa nos leva a um estado de "metapsicopatia-cultural", face às formas ideológica numerológica que investe a comunicabilidade lógico-dialetica entre os homens e as nações, tornando o mundo mais conflitante e alienante, mais materializado, agressivo, neurotizado, criminalizado, viuzado. Quer dizer, a precariedade do entendimento humano tem a sua causa profunda, que se salienta principalmente por uma sua razão "metafísica" ou uma sua razão de inteligência, por uma forma de sensibilidade ou inteligibilidade que pode significar conexão ou desconexão na ordem do perceber-pensar certo ou errado a esse respeito. A metapsicopatia-cultural daí gerada, por ser fundamental ou sintomaticamente subliminalizante e alienante, faz-se ambígua ou sofisticada, mas com um propósito lingüístico falso de ganhar a linearidade maior da cultura-de|massa, insinuando que físicaaliza toda objetividade de ideacionar, numeracionar ou signacionar a realidade do mundo transposta na ordem físico-metafísica como sendo uma mesma realidade não - transposta, ou vice-versa. Faz-se assim metapsicopática toda versão relacionai "inter-massas" que não atina com a verdadeira realidade do mundo atual a esse respeito, notadamente para se achar que as mudanças sociais implicam apenas numa redução educacional informativa para formar o homem-do-futuro. A razão dominante dessa metapsicopatia é abranger o interesse cultural pelo homem-do-futuro, mas fundindo-o no presente com as regras de um academismo fechado

ordem filosófica e científica do passado, Eis porque essa razão so se atem a realidade alienada das chamadas mutações sociais, mas sem abrir soluções para a reconstrução da sociedade em face da defasagem de um novo ciclo cultural para além deste nosso Século em crise filosófico-científica a esse respeito. Assim é que se torna estranha a voga atual de se despolitizar a Educação com teses ou antíteses os mais absurdas, pregando-se que a escolaridade está no "fim" ou que a sociedade nao precisa de escolas para atingir os seus verdadeiros objetivos educativos. Ora, se a questão do escolaridade de-ve ser seriamente debatida em face de outros métodos de ensino, a aprendizagem e profissionalização, que dizem respeito a uma nova Política de Educação para formar o homem-do-futuro, por isso mesmo nao parece que a melhor opinião sobre tal questão seja a de desmoralizar todo processo de escolaridade que se adota ou se experimenta nesta fase crítica das mutações sociais no mundo presente. Quer dizer, a "metapsicopatía-cultural-utópica" faria do chamado homem-do-futuro, na medida ideológica e numerológica da alienação ou automatização educacional, uma "magra-figura-de-massa" em grande número, um tipo "mcluhanista", um homem medianamente informado, mas nao formado, nao acabado. Esse tipo se moldaria como um "aprendiz-de-ser", "de-estar", "de-haver", no mundo, mas como um "número-de-massa", um autômato, um alienado, um estranho - sem expressão previsível por seu comportamento na exterioridade social de uma Humanidade em construção no sua ordem existencial, consistencial e evolucionar. Assim, segundo alguns intérpretes das mutações educacionais que se discutem, o "status quo" de hoje se transporia culturalmente de uma imagem livre do homem para se ideacionar ou signacionar por uma sua imanem robotizada do que viria a ser ou representar no global que so impõe num mundo maior massificado. ARNÜLD TOYNBEE("A Sociedade do Futuro") vê, por exemplo, que os problemas políticos e sociais so sobrelevarão, aumentando o abismo diferencial entre as nações, desenvolvidas e subdesenvolvidas (ricas o pobres). Nascera daí a idéia contingente de uma espécie de governo ditatorial e mundial exercido pelas nações ricas (subjugação que já se ensaia de ha muito pela político numerológica de pressões econômicas aos mais necessitados, política esta embalada pela mistificação ou mitificação do certas ideologias sutis e alentadoras), - nao so para evitar a calamidade de uma guerra atômica, mas também para controlar a anarquia

social mais intensa em algumas áreas continentais. Mas, a repercussão maior desse vir-a-ser, segundo TOYNBEE, conforme se interpreta, serio de efeito politico-educacional, no sentido de mudar a imagem do homem por um "status quo" transposto, - que a Tecnologia, na sua direcional científico-dogmática, imprimira sob forma alienante e massificante para tornar o homem-informado circunstancialmente dominado, menos livre, sem faculdade crítica aberta. Pregar-se-á a "ordem" e a "paz^{1*}", mas em uma medida ideológica e numerológica tanto quanto possível tolerável para que tais formas se automatizem ou se sublimizem em um a passividade imposta inter-massas de grande amplitude, A aceleração do dinamismo histórico envolveria o homem em relação a esses fatores de ordem utópica, porque os recursos de um mundo "pós-industrial" (com mais desemprego e lazer) teriam que enfrentar uma nova experiência humanista onde a grande interrogação seria a da "reconstrução" da Humanidade em base de garantir a sua sobrevivência na Terra - todos voltados para a segurança do bem-comuni e da justiça-social. As contestações jovens ficariam assim inseridas implicitamente nesse vasto contexto de reconstrução da Humanidade, contra outros interesses, por cegueira política de muitos e contra privilégios de um estado de coisas ultrapassadas. O homem no seu tempo histórico teria se acostumado a reverenciar a Natureza como um grande poder e, agora, pelos seus próprios arrojos científicos, se confunde com o seu apurado poder de controlar a Natureza , TOYNBEE examina essas questões com fundo realismo, mas também vendo que as contestações jovens para a transmutação político-social de um mundo diferente devem ser sem violência, sob elevada inspiração espiritual., A violência gera a contra-violencia e, por consequência, uma ordem regressiva maior. A esperança no utópico, portanto , poderia converter o mundo em uma realidade maior para que a imagem do homem seja em verdade "global" e mais perfeita na chamada sociedade de futuro. Assim se deveria desde agora se ressaltar a grande importância que terão organizações como a ONU, a OEA, a UNESCO, etc, bem como os acordos internacionais, os intercâmbios culturais de ordem mundial, etc. A esperança no utópico se baseia nessas grandes organizações, nesses acordos, nesses intercâmbios, mas sob novas bases filosóficas e científicas mais inteligentes e menos dogmatico-convencionais, para efeito de sinceramente garantir a autodeterminação das nações unidas dentro de um contexto educacional e glo -

bal, com o elevado propósito de preservar a sobrevivência da espécie humana sem maiores mutilações em razão dos novos tempos que advirão no pós-industrial.

A Filosofia metódica de uma Ciência "única" se impõe para melhor se compreender os metas educacionais dessa defasagem de um mundo-desafio de hoje e amanhã - que fala da formação do homem global, mas deixando que se traumatize esmagado na alienação de seus mais autênticos propósitos políticos, econômicos e sociais, Essa dinâmica da Filosofia metódica se faria por novos processos científicos de "redução-metofísica" para situar dentro de contextos educacionais os verdadeiros núcleos comuns das chamadas Ciências "particulares", inclusive as áreas de especialização de certos estudos, como a semiótica, a cibernética, a comunicação-e-expressão, a computação, etc. Ora, as Ciências ditas como particulares não são Ciências por acaso, mas sistemas ou subunidades do conhecimento que se mantêm em conotação experimental e dogmática, com nexos de causalidade filosófico-metódica, numa presumível correspondência do exatidão as condições relativas em que se situam no campo unificado e geral do saber. Mas, por assim dizer, nem todo conhecimento é "ciência" nas arcas dos diversos estudos que se dispersam de maneira incontrolável ou difuso, mormente os do cunho dogmático, cheios de princípios lineares ou de erudição, porém, sem nexos interdimensionais ou confrontantes em sua razão filosófica último. Porque a Ciência "particular", para que assim realmente seja reconhecido, diante do próprio especialista que a ela se devota e do outro que o ouve o que daí colhe resultados, encerra princípios inconfundíveis ou insofismáveis para que aquela subunidade do conhecimento só mostre com sua relativa autonomia no computo científico geral, expressando um valor equacionável, uma certa direção subjetivo-objetiva bem pressuposta ou clara, uma força de indagação e pesquisa com as suas peculiaridades posta à prova, pelo menos em grande parte. Ao cienti-

de hoje e da futuro cabo uma formação interdimensional além do especialista, que muita vez considera o seu conhecimento so em si mesmo na experimentação ou na dogmatização, fechado no seu núcleo estrito, som dimensão filosófica para abranger a organicidade de suas proprias investigações ou pesquisas em confronto com outras em campos afins de uma Ciência "una". A especialização tem sido, naturalmente, a melhor forma de subdividir as dificuldades ou os obstáculos para a maior penetração do conhecimento ou o maior progresso científico. É o meio que permite fracionar os estudos de uma "unidade" complexa. Trata-se de um processo dispersivo, mas de necessária inevitabilidade, por ser típico ou de conformação a inteligência humana em expansão. Conforme ALEXIS CARREL ("O homem, esse desconhecido"...), a especialização torna-se muita vez "sem resultados compensadores", ou se supõe que esses esforços dos especialistas sejam perdidos ou desperdiçados. Mostra assim CARREL que - "vimos assistindo de há anos para cá aos progressos de eugenistas, geneticistas, médicos, endocrinologistas, higienistas, psiquiatras, criminologistas, educadores, economistas, sociólogos, etc". Entende CARREL, entretanto, que são insignificantes os resultados práticos dessas investigações, e diz: - "este amontoado gigantesco de conhecimentos está disperso pelas revistas técnicas, pelos tratados, pelos cérebros dos sábios", e "nenhum destes o possui na sua totalidade", Para esse insigne filósofo o cientista - "é preciso qua se reúna agora estas parcelas num todo", fazendo viver depois esse "todo" no espirito de alguns indivíduos. So assim a Ciência do homem se tornaria fecunda. Achando esse empreendimento difícil, como o quis realizar AUGUSTO COMTE, indaga CARREL: - "como construir uma síntese" ? - "qual é a mais importante das nossas atividades" ? - "a política, a econômica, a social, a mental, a orgânica" ? - "'que Ciência deve erguer-se, absorvendo as outras" ? Vê CARREL que a Educação, a Higiene, a Religião, a construção das cidades, a organização politica, econômica e social - "estão hoje confiadas a pessoas que so conhecem um aspecto de homem", Poderá um cérebro humano, ainda indaga CARREL - "assimilar essa enorme quantidade de conhecimento" ? Acredita que sim, mas "exigiria cerca de vinte e cinco aros de estudos ininterruptos". Aos cinquenta anos - " aqueles que tiverem tido a coragem do se submeter a essa disciplina serão provavelmente copazes de dirigir a construção de seres humanos e duma civilização fei-

ta realmente para eles". Tudo isso, também, acrescenta CARREL "exigira a vida de várias gerações de sábios", sendo necessária "uma instituição capaz de manter sem interrupção as investigações das quais depende o futuro da nossa civilização". Por onde, sugere esse cientista - "devemos procurar a maneira de dar a Humanidade um foco intelectual, um cérebro imortal, capaz de reunir, de integrar os seus esforços e dar finalidade a sua marcha errante", Eis que as tendências que se delineiam com prováveis caminhos a serem se guidos pelos cientistas ou especialistas, face à realidade de uma nova epistemologia do entendimento, do conhecimento e do sentimento, metodicamente, são de ordem metafísico-centrológica: -

PELA QUAL SE PARTE DA CONCEPÇÃO DA UNIDADE PARA A DIVERSIFICAÇÃO E DA DIVERSIFICAÇÃO PARA AQUELA MESMA UNIDADE

Na verdade, pois, entre si as Ciências particulares (mesmo as especializações) são sempre instrumentos de auxílio-mutuo. Emprestam dados valiosos nossa reciprocidade, permitindo uma expansão sempre maior do saber total. Formam-se entre si núcleos que permitem antevisão de métodos de redução para que em conjunto se tornem acessíveis a um entendimento comum interdimensionalmente bem estruturado em ordem filosófica, experimental e dogmática, de efeito imediato ou mediato, mais rápido ou mais circunspecto ou aprofundado. Eis, no entanto, o grande problema das Ciências em geral, que é o de se reconhecer com alto tirocínio filosófico-científico que nem todas elas evoluem ou se desenvolvem com a mesma intensidade ou proporção, pelo menos em aparência. Há Ciências que só se formam ou se evidenciam após o curso de outras, diferentemente das que se podem classificar ou qualificar em alto conceito como "instrumentais" (a Matemática, a Física, a Química, a Mecânica, a Astronomia, etc), por assim ser necessário e inevitável no plano relativo do entendimento do conhecimento. Quer dizer, as Ciências ditas como "exatas" produzem naturais impactos nos meios despreparo -

dos para receber certos resultados da investigação científica - como a desintegração do átomo, o grande poder das bombas atômicas, os feitos espaciais de viagem a Lua ou de exploração do nosso sistema solar e outros do infinito Universo, etc, bem como os arrojados da eletrônica e de outros meios através de aperfeiçoados computadores, os alcances da técnica televisionada através de satélites que fazem uma momentânea comunicação entre todas as partes do mundo, - tudo que é sensacionalismo global, que provoca esperança e medo no espantoso, que parece fazer o homem esquecer a sua fraqueza diante de outros conhecimentos fundamentais de si mesmo, respeitantes a necessidade de sua transcendência interior e exterior, ao seu em-si e for- de-si, como homem-indivíduo e homem-social, para reunir todos os seus valores de ordem material e espiritual, Se está certo exaltar os feitos do homem na sua exterioridade científica pelo poder que lhe vem as mãos através das suas Ciências, ver-se-á que é menos na interioridade do que nessa mesma exterioridade que ele se dimensiona globalmente, isto é, socialmente. O homem-interior, se em si mesmo, pode ser algo sagrado ou divino, mas só assim não se trans parece como aquele outro homem-exterior que reúne infinitos valores que nenhum indivíduo pode deter para que haja uma melhor concepção humanista e espiritualista do mundo - que verdadeiramente dignifique o gênero-humano na sua ordem político-social. Sim, é inconteste reconhecer, por exemplo, que a Matemática, a Física, a Química, a Mecânica, etc,, bem como as diversas especializações no campo das Ciências exatas, mostram-se mais ativas neste final de Século, recapitulando verificações, passando por grandes revoluções de princípios, mormente no que concerne as pesquisas da energia nuclear, da eletrônica, da velocidade, do movimento, etc., tudo, enfim, que tem modificado muitos postulados científicos, bem assim demonstrado essa diversidade de expressão entre uma Ciência e outra, no curso que empreendem sob as condições relativas e absolutas, Essas Ciências, tidas como exatas, formam por certo uma grande área do conhecimento metafísico-positivo no seu curso evolucionar. Ao lado delas, no entanto, existem outras Ciências importantes, tidas como menos exatas ou mais conjecturais, que compreendem também grandes áreas do conhecimento na ordem exterior do homem, no seu vasto campo social. Todas elas, exatas, inexatas, fundamentais, conjecturais, especializadas ou inqualificadas, formam, contudo, um campo científico, o

de-se, por outro lado, todavia, qua essa absorção se deve ao fato de que o lento curso das Ciências Sociais se nestes últimos tempos vem deixando evidenciar a formação de suas estruturas como conhecimento particular ou especializado. A Sociologia, por exemplo, se começou a ter corpo nos meados do Século XIX, com AUGUSTO COMTE e outros. COMTE teria fundado a Sociologia com uma noção enciclopédica, razão por que existem hoje quase duas dezenas de teorias sociológicas conhecidas, englobando nomes de ilustres pesquisadores e estudiosos, como SPENCER, DURKHEIM, TARDE, SIMMEL, VON WIESE, MAX WEBER, MANNHEIM, PARSONS, etc. A Economia, por sua vez, se depois de MARX e que sofreu o impacto de seu verdadeiro surgimento, com as suas concepções problemáticas sobre o capital, o trabalho, a produção, a mais-valia, etc, fazendo daí resultar as duas principais correntes político-econômicas do mundo contemporâneo:- "capitalismo" e "comunismo". Os estudos críticos de MARX se entrosam como sendo também uma "sociologia-econômica". A Psicologia se firmou pelos seus primeiros princípios científicos com FREUD, ganhando depois foro para amplos estudos na ordem "psicossocial". A Criminologia teve o seu primeiro vislumbre com BECCARIA ("Dos delitos e das penas"), que a situou classicamente, em última análise, como uma questão antinômica entre a Política e o Direito. A fase autenticamente científica da Criminologia se iniciou mesmo com os princípios enunciados pela chamada Escola Positiva Criminal, com LOMBROSO, FERRI, CAROFALO, TARDE, LACASSAGNE, PATRIZI, PENDE, FREUD, ADLER, etc. Desse panorama histórico, em síntese, sobre a origem ou a formação das Ciências Sociais, parece se distinguir uma lei transcendente que objetiva mostrar que tais Ciências, por sua versão exteriorizada, quando tratam do fato-social, do fato-político, do fato-jurídico, do fato-econômico, do fato-psicossocial, etc,, englobando o indivíduo em sua razão para a vida em comum, por suas facultades psíquicas, mentais ou espirituais, - são todas elas marcadamente complexas o, de modo paradoxal, singularmente próximas para delas se destacar qualquer exatidão fácil, ou quaisquer objetos nítidos, separados ou bem definidos. Daí se pergunta, como também o fizeram ou fazem de um certo modo todos os filósofos e todos os cientistas:- das Ciências qual é a mais importante ou qual é a mais complexa ?

Do ponto de vista filosófico que procura perceber o presente para ter sobre ele uma funda impressão do que se transmuta no tempo, tem-se hoje elementos bastantes para se prognosticar que as Ciências ditas como "sociais" vão passar por grandes transformações estruturais em razão das novas condições de vida política num mundo futuro bem mais evoluído no que a isso respeita. Assim, contrariando perspectivas ou prospectivas de muitos que se empolgam euforicamente para restringir os grandes feitos científicos ao exatismo ou ao dogmatismo tecnológico, com previsões futurologistas as mais fantásticas e utópicas, compreende-se que, de outro modo, num mundo novo que romperá a crise cultural do nosso Século, - serão as CIÊNCIAS SOCIAIS que prevalecerão como os baluartes da civilização humana em continuidade histórica. Isto parece claro, ou a decadência da civilização se acentuará por um seu determinismo histórico de destruição no tempo. Quer dizer, todas as chamadas Ciências exatas, inclusive as suas especializações, sofrerão alterações em seus conceitos ou idéias básicas para se tornarem ajustadas ao uso controlado das verdadeiras Ciências do homem - que são as ditas CIÊNCIAS SOCIAIS. Fora do núcleo destas Ciências, todas as outras, com raras exceções, serão denominadas simplesmente de "ciências-instrumentais". A POLÍTICA, por exemplo, como ARISTÓTELES previra em sua "Ética", será a "mestra" de todas as Ciências, especificamente das de seu núcleo no vasto campo social, Como vimos em analítica no nosso livro, "Política e Direito", pode-se afirmar que:

- a CIÊNCIA POLÍTICA interessam todas ou quaisquer formas-sintéticas ou simples formas básicas das Ciências em geral, exatas, inexatas, conjunturais, instrumentais, etc., mas, por sua característica metafísica-de-ação, a tais formas se faz mister sempre acrescentar um complemento de especificidade pragmática de elevado fim - que se expressa pela realidade do coletivo, do social, do "comum"

Entre as Ciências surgirá, pois, uma visão filosófica de ordem metódica mais funda para que todas se qualifiquem segundo um novo "organon" do entendimento, inclusive para que não se confundam entre si mesmas, por seus princípios ou seus fins e em razão do seus objetos. Prevê-se que assim se abrirá surpreendentemente um enorme campo de pesquisas metodicamente mais ajustadas para se enfrentar os sérios problemas culturais da nossa época. Em outras palavras, pelo que se observa, faz-se preciso hoje, notadamente na área educacional, uma nova orientação que imprima organicidade ao estudo metódico das áreas específicas em que atuam as diversas Ciências particulares, mesmo se sabendo que elas em última análise se coordenam ante a razão pura de uma Ciência "una". Por isso se justifica metodicamente uma confrontação entre todas as ciências, tarefa antológica e epistemológica que nos desafia para promover uma nova orientação filosófico-científico sob outras dimensões de um apurado entendimento antevisão em face da realidade do nosso problemático futuro cultural. Sobre essa confrontação, a tarefa mais difícil é, sem dúvida, estabelecer a interdimensão "filosófica", "experimental" e "dogmática" entre as chamadas Ciências Sociais para se saber verdadeiramente distingui-las nos seus campos de atividades. Realizando-se esse propósito de forma satisfatória, promover-se-á um grande avanço para se vencerem os obstáculos culturais dos nossos tempos sobre tão relevante assunto. Do nosso ponto de vista, para se operar essa confrontação em bases certas, primeiramente, no entanto, faz-se necessário equacionar a POLÍTICA como uma Ciência Social "maior", verificando a importância filosófica dos seus elementos integrantes e das suas principais idéias que lhe há de proporcionar uma posição de relevo em razão de todo conhecimento no mundo futuro. Quer dizer, partindo-se dessa premissa de abrir a Ciência Política o seu próprio campo social, tal caminho indicará certamente a posição confrontada que cada Ciência tem uma em relação a outra nos grandes contextos da ordem prática de ação científica própria -monte dita. Por isso se sabe (ou se deve saber) que, ao seu super-sistema se sujeita, por consequência, a formulação de qualquer entendimento filosófico, científico, teológico e artístico, mesmo que para a Política tal entendimento não se transpareça como de seu interesse imediato. Por essa singularidade, a Política transfigura-se sempre como uma ideia-poder que se apreende metafísicamente em

uma sua formulação variável e constante para a sua sustentação filosófico-científica, mas que se promove positiva ou pragmaticamente transposta como ação-poder - que lhe efetiva condições racionais e reais de existência e consistência como uma Ciência principal e notavelmente prática. Assim se sabe que a POLÍTICA ou assim, se compreende a sua natureza ou assim se define o seu objeto, tendo-a como uma meta-física de "ação", por uma sua ampla especificidade pragmática de elevado fim e com um seu objeto inconfundível - que é dirigido por toda realidade do coletivo ou social. Como temos dito

em nossos estudos que aqui recapitulamos em parte, assim se compreende o que seja a POLÍTICA como uma "ciência-social-maior" para o mundo presente e futuro, venha ela a ser apresentada por quantas definições se queiram fazer nos mais fundos estudos a seu respeito. Dessa sua compreensão também se infere a direcional de toda Educação "cívica-e-moral" do homem, não se em relação a sua pátria, como visto em relação ao mundo, a Humanidade. A conscientização da Política por tais princípios reflete a importância de uma mesma conscientização de todas as CIÊNCIAS SOCIAIS no papel que representam para fazer emergir um verdadeiro "humanismo" nas relações entre os povos ou as nações de uma civilização futura bem mais adiantada do que a nossa atual. Do outro modo, por assim se sobrelevar a posição das CIÊNCIAS SOCIAIS em um mundo que se transmuda pela renovação dos seus próprios valores mais perduráveis, delinea-se também que o homem-político do futuro será um verdadeiro "cientista", um interprete da função ética no campo da ação-poder por suas altas responsabilidades englobantes no vasto campo das relações humanas. O cientista social do futuro não será apenas um especialista, mas um homem educado em larga extensão ou profundidade política para ter uma viva noção de todos os aspectos do entendimento, do conhecimento e do sentimento, que lhe capacitam orientar e dirigir a construção de seres humanos e de uma sociedade global feita realmente para eles (CARREL). Em suma, do mesmo modo se delinea, em síntese, a importância de toda Ciência Social, especialmente da POLÍTICA, não se em razão do prospectivismo desenvolvimentista ou de segurança para o nosso país, como também pelas tendências que se abrem em âmbito mundial como prováveis caminhos a serem seguidos pelos estudiosos de todas as áreas do conhecimento.

EDUCAÇÃO, ENSINO E CIÊNCIAS SOCIAIS

EM FACE DE

NOVA FILOSOFIA DA POLÍTICA

NO MUNDO

III

CIÊNCIAS SOCIAIS - EDUCAÇÃO SOB NOVO SIGNO DA POLÍTICA MUNDIAL

De tudo o que procede resulta, pois, a idéia englo Dante e altamente metódica de se ter a POLÍTICA como a Ciência So_ cial "maior", , Segundo isto, tudo o que constitui ou simboliza o Fia to_ social o subjacente ao fato-político; sob qualquer•versão - se ciciologica, econômica, educacional, psicológica, etc. So o fato ~ social se caracteriza por ser instável ou mutável em razão da mui tiplicidade de fatores ambientes e históricos que o moldam como va_ go ou frágil objeto explicável pelo conhecimento, com alguma certe_ za se sabe que ele representa um intercâmbio de consciências ou re- sulta de ações e reações que se entrosam ou se repelem no plano das relações humanas do interesse global. Quer dizer, o fato-soci- al e Politização de uma consciencia-coletiva (absorvente de toda consciencia-individual), estática ou dinâmica para daí se auferi rem valores mutacionais o existenciais em razão de cada povo ou na ção ou de todos os povos ou nações, da civilização humana. Se, pois se supõe desse modo a significação do fato-social, da sua geno_ ralização ou especificação se destaca a Politica como uma força motivadora dele, ou seja, como uma ciencia-de-ação subjacente ou claramente vista e ligada a quaisquer fatos percebidos, pensados ou conscientizados sob a forma de realidade-coletiva. O destaque cada vez maior que a Ciência Política assume nesta metade final do nosso Século, por isso mesmo, mostra de um certo modo porque os estudos sociais se interdimensionam confusamente entre si.ate

hoje, dispersos e indefinidos, sem uma razão dominante para se reconhecerem dinamicamente em função do seu próprio núcleo de atividade filosófica e científica, É que, nesse caso, se observa que tais estudos teriam absorvido, inexplicavelmente, nos seus contextos, a idéia-política, deixando-a sem abertura para tornar mais explicitas ou aproveitáveis as teses ou antíteses a esse respeito, Entende-se que a idéia-política, de alguma maneira, sempre foi, é e será a fonte inspiradora das Ciências Sociais, Isto assim se compreende porque tal idéia o uma idéia-poder "sui generis" como uma alta conexão-motafísica - que não se converte em ordem positivo para apenas equacionar o perceber, mas para levar o homem a um pleno estado-de-ação, não propriamente de intuir, pensar, conscientizar ou querer esta mesma ação, mas para se consubstanciar pelo fazer ou poder de "agir-no-mundo", Ha de se ver, circunspectamente, a esse respeito, que - idéia-política = ideia-poder - porque tanto uma quanto outra é centro de toda polemica mais aguda- vista nos estudos mais avançados de qualquer das Ciências Sociais, Ora, filosoficamente, o "poder" pela idéia dele, já não é a rigor esta mesma idéia que se adentra para pensa-lo, porque é ato de deliberação, agir, decidir, executar, fazer, resolver, promulgar, julgar, solucionar, etc, Na verdade, pois, o Política, como Ciência Social "maior", por sua razão ética, e sempre uma meta-física da "ação", não de perceber para compreender teórica ou praticamente a ação, mas para tê-la pronta nas condições dinâmicas do espírito, Sob esse aspecto, o Ciência Política poderia ser conceituada ou definida como - o complexo das condições próprias do espírito que, limitando o conflito das ações de cada um e de todos, é uma disciplina-dopoder. Em funda penetração assim se certifica que a idéia-política o singular ou distinta no plano dos chamados estudos sociais, menos essencial do que existencial, apreensível por todos na esfera da ação, embora possa ser difícil explicá-la por um princípio causal. Por isso, também se mostra que o Política, ela se, não seria capaz de explicar a razão ética de sua idéia como ação-poder, sem ajuda dos outros Ciências tais como o Direito, a Sociologia, a Economia, a Psicologia, a Antropologia, etc, Mas, por que se compreende agora, face as tendências filosóficas de grande número de teorias, a Política como uma Ciência Social "maior"? Nota-se, como temos visto - que é sempre ela que inspira a formação de um núcleo

de outras Ciências Sociais que a cercam necessariamente, que a apoiem ou a subsidiem para que ela seja realmente uma grande Ciência prática e de ação. Verifica-se ainda, como temos indagado e respondido, que a sua idéia vem sempre inserida ou consubstanciada como polemica implícita ou explícita no bojo de todos estudos ditos como especificamente sociais, AUGUSTO COMTE, por exemplo, considerado o pioneiro da Sociologia, distribuiu a sua maciça tarefa do grande investigador das Ciências Sociais no seu "Cours de Philosophie Positive" e no seu "Système de Politique Positive". Nessa sua grande obra, parece claro se aduzir que, tanto o seu Cours como o seu "Systeme" tinham em funda observação a "ideia-política" # Para COMTE, a Sociologia seria a Ciência mais complexa de todas as outras, como "física-social", Se lhe ocorria, tomava-a, tal como uma Ciência "materia", nesse caso por certo lhe emprestava o caráter de ter em seus postulados uma parte expressiva sobre a questão da Política Social, É significativo ver que a terça parte das sessenta lições no "Cours" é dedicada por COMTE à Filosofia Social. Estuda-se aí a "estática-social" e a "dinâmica-social", A "estática" mostra a sociedade nas suas condições constantes, em repouso, no espaço, A "dinâmica" estuda a sociedade no tempo, nas suas variações, nas suas formas, no seu desenvolvimento ou progresso. Parece claro observar daí que a dinâmica-social é o base em que COMTE firma a orientação da ideia-política em todo o seu sistema filosófico de visão positiva. Assim, sob muitos aspectos, COMTE foi tanto sociólogo quanto político para construir a sua vasta obra, como também se conclui em relação a MAX WEBER e muitos outros pensadores de grande porte. Por onde, recorrendo-se aos mais notáveis sociólogos, juristas, economistas, psicólogos, etc., de um modo geral ou particular, todo investigador pode sempre constatar em fundo exame da "ideia-obra" por eles comunicada e expressada que esta mesma idéia tomou corpo inspirada na idéia-maior da Política, A dificuldade que o investigador encontra nessa verificação seria explicar essa primeira ou última inspiração que moveu esses grandes pensadores a circundar interesses políticos através dos mais variados textos ou estudos do conhecimento humano. Alias, isso explica, de uma certa maneira, os caminhos tortuosos pelos quais os investigadores tem percorrido para preparar o surgimento de uma verdadeira Ciência Política no campo social,

Ela que, em razão do tais pesquisas, não é fácil distinguir ou definir o que seja o Fato-social, o Fato-jurídico, o Fato-econômico, o Fato-psico-social, etc, para daí ressaltar ou dizer - que o "Fato-político" (?), englobando naqueles, obviamente, neste último, em particular, a noção do indivíduo em sua transcendência para a vida em comum ou no grande órbita das relações humanas, porque, como dissemos anteriormente, em síntese (capítulo II, anterior), para se reportar a origem ou a Formação das Ciências Sociais, na sua razão exteriorizada, tendo em vista a natureza intrínseca e extrínseca desses Fatos, - convertem-se tais estudos para tornar todas estas mesmas Ciências como por demais complexas, embora paradoxalmente próximas para delas se destacar os seus pressupostos Filosóficos e científicos em razão do vir-a-sor de um entendimento mais apurado a esse respeito.

Isso posto, há de se entender que, no grande grupo das Ciências Sociais, queiram uns ou não queiram outros, tais Ciências se interdimensionam coordenadamente para chegarem a um mesmo fim de discutir abjetos confrontantes inerentes das relações humanas em sociedade politicamente organizada. Distingue-se que, nessas relações, o homem e o contra da toda ação, como sujeito-objeto do próprio Fato-histórico que o leva a perceber e - pensar sobre a necessidade de auferir conhecimentos dessa ordem. Vê-se que tais conhecimentos dizem menos de natureza Física do mundo do que da natureza espiritual do homem Contudo, como se nota, sempre procurou o homem, em sua trajetória histórica, ganhar mais conhecimentos para descobrir e controlar as leis da natureza Física do mundo onde habita ou se encontra. Nessa ação, parece esquecer ou confundir que a sua natureza é diferente daquela outra, e que merece tanto ou quanto ou-mais a sua atenção para compreendê-la, cultivá-la e dignificá-la. Na verdade, debate-se o homem para conhecer a sua própria natureza através dessas ditas Ciências Sociais.

ciais, Mas por estranho que pareça, sobre essa magna questão se afigura haver sempre uma defasagem entre os conhecimentos que o homem adquire pelo seu próprio poder de controlar a natureza física do mundo e os conhecimentos que também adquire para penetrar em si mesmo, na sua postura individual ou na sua ordem social. Reconhece-se, todavia, que tem sido notável o esforço do homem para equacionar as suas Ciências Sociais em bases rigorosamente científicas, mas, não obstante isto, aquela defasagem persiste ainda. Mostra que a sua tarefa a esse respeito tem um cunho interminável como um desafio de todas as gerações no tempo. Nas tentativas mais fundas e serias que promove para estabelecer os últimos nexos das suas Ciências Sociais, vê-se assim o homem envolvido em cogitações transcendentais sobre a origem de si mesmo como ser inteligente - que tudo pode, relativamente, mas não ainda absolutamente,

É que o homem é, está, tem e há, mas ao desenvolver essa função-vorbal dimensiona apenas a sua inteligência neste mundo e não em todo o Universo, Quer dizer, o homem está sempre diante das leis superiores para construir o seu "humanismo"¹ - meta elevada - que parece constituir toda a dinâmica das suas Ciências Sociais, Mas, como se constata, o lento curso dessas Ciências não deixou ainda transparecer em uma ordem humanista clara, que satisfizesse ao rigor filosófico e científico. Por exemplo, se a Política é uma Ciência Social "maior" - por que até hoje não se foi devidamente equacionada? Seria a falta da Ciência Política a razão de se ter todas as Ciências Sociais como estudos conjecturais ou desconhecidos dos objetos inferidos nas relações humanas? se considera a Ciência Política como o "centro" das Ciências Sociais, cumpra a nós-mesmos e a nós-outros um grande esforço para reformular a posição de todos eles como um núcleo básico dos estudos do homem, de sua comunidade, sociedade ou civilização. Em nossa opinião, no âmago desse núcleo está a CIÊNCIA POLÍTICA. O Direito, por consequência, é uma sustentação inferida da ação-política. A Sociologia, por maior que seja a sua complexidade, é vista por COMTE e certificada por outros, e também uma sustentação da Política, não de sua ação, como a do Direito, mas através de princípios que formula para subsidiar aquela ação. Analogamente, a economia é uma sustentação da Política, pois que toda ação que visa ao bem-estar geral na ordem econômica de uma sociedade tem, antes,

necessariamente, por base, uma estruturação-política. Seria incompreensível achar que uma boa estruturação-econômica seja evidenciada autonomamente, isto é, sem uma boa estruturação-política pré-idealizada, pré-numeracionada ou pré-planejada para comandá-la. Desse modo, também se chega à conclusão de que a Economia é uma Ciência da sustentação que subsidia a ação-política, a Psicologia, voltada para inferir princípios sobre o comportamento humano na ordem social, nesse caso é também uma Ciência fornecedora de subsídios à Ciência Política. Assim também o são a Antropologia, a Criminologia, etc, porque a Ciência Política interessa a todas ou quaisquer formas-sintáticas ou simples formas básicas das Ciências em geral, em todo autor de atividades, mesmo as especializadas, pela informática ou pelo resultado de suas pesquisas, daí advêm elementos novos ou mais aperfeiçoados para ativar o desenvolvimento e a segurança do homem na sua ordem social, no âmbito da autodeterminação de cada nação, no âmbito interrelacional de todas as nações, no âmbito mundial. Em suma, como dissemos em nosso livro "Política e Direito" - nem todo estudo social e se Sociologia, nem só Direito, nem se Economia, nem se Psicologia, nem se Antropologia, etc. sem uma visão da Política confrontada com todas essas Ciências ou com todo conhecimento que a cada dia se apura evolucionariamente no imenso campo do entendimento humano.

Assim se chega a alguma conclusão sobre a importância dos estudos sociais no campo político da educação do homem em sociedade. Assim também se nota que na área da Educação não se imitam modelos quanto a certos princípios de uma linha exclusivamente dogmática seguida em outros centros culturais ou em outros países com estágios de Cultura circunstanciados sob a racionalidade ou realidade de outros povos ou condições existenciais a serem avaliadas. Explica-se que a Educação, por sua razão filosófica, res_

salta uma mesma dinamização logico-dialético de unificação o universalização do entendimento que se deve experimentar o dogmatizar como conhecimento ou sentimento em toda ou qualquer nação, mas também se ha de compreender que o desenvolvimento entre os povos tem sido "mutatis mutandi" desencontrado no seu tempo histórico, principalmente em face da ação-política que desde milênios vem mudando a feição do mundo, inclusive para se chegar a formação das dezenas de noções que hoje existem para se autodeterminarem como unidades-políticas na ordem mundial. Sabem todos que se agora, por exemplo, se alinham no mundo os novos países africanos saídos do regime colonialista de séculos. Na América Latina, com mais tempo ganho em confrontação com a África e alguns países da Ásia, o resíduo colonialista nos marcou para acharem muitos que os modelos europeus seriam os melhores a serem adaptados em nosso sistema educacional, Esses modelos seriam ilustrativos como fontes de orientação geral do Ensino, mas nao como dogmas preva-
lecentes da melhor Educação peculiarizada que se adotasse em países jovens, que teriam começado a viver ou a trabalhar independentemente, com os seus próprios recursos o com boa razão para fazelo, como livros das amarras colonialistas que lhes absorveram grande parto do seu tempo histórico. Desse modo, esses modelos incutiriam também, psicologicamente, nos países jovens, uma falsa noção dogmática sobre a verdadeira validade de um plano educacional para eles mesmos - nao assentado em base utópica ou de alienação, mas para favorece-los, para nao desigualar mais a desigualdade do igual-pora-igual em face de suas necessidades de desenvolvimento cultural e social. Ressalta-se aí por observação que foi ou tem sido o tradição dogmática da política educacional de alguns países que teria provocado uma falsa atitude do superioridade dos que olham tais problemas do cima e nao dos que olham num mesmo plano para alcançar a ordem humanista do todo o mundo em autentico forma democrática o cristo. Filosoficamente, compreende-se que o desigualdade cultural pode sor uma simples questão de estagio em que uns e outros países se encontram em seu tempo histórico, mas, já mais o será, se ela decorrer de planejamentos deformados, mal estudados ou mal cuidados, porque, nesse coso, acha-se comprometido todo um sistema-político de Educação. Depois da última Guerra Mundial (1939/1945), ou soja, o partir da segunda metade deste Sécu-

lo, despertou novo sentido sobre essas questões, inclusive para se saber que os padrões do Ensino Clássico de certos países não são modelos ideais para formar Cultura em todos os povos, mormente nos países jovens ou em desenvolvimento, necessitados também de Ensino Técnico ou de formação profissionalizante em grande escala. Esses países jovens necessitariam de alta Cultura, filosófica e científica, mas também de desembaraço na complexidade dos meios de aumentar o rendimento do seu trabalho para melhorar a sua situação política, econômica e social. Na formação do homem brasileiro, por exemplo, foi falha a nossa Política Educacional desde o proclamação da República (1889), pelo despreparo que as nossas reformas do ensino vinham padronizando até bom pouco tempo, com as suas conhecidas insuficiências de formação técnica ou do incentivo à aprendizagem, tendo em vista os altos interesses do maior desenvolvimento do nosso país. Pelos antigos padrões ou modelos do nosso sistema de Ensino, proliferou-se entre nós uma Cultura Acadêmica do profissionalismo liberal, mas se marginalizou a Cultura Técnica ou Profissionalizante, com o agravamento de se ver o aumento do índice do analfabetismo no nosso meio social. Até o advento da Lei 4024, de 1961, a maior preocupação dos políticos e legisladores do nosso país, salvo honrosas exceções das que atinavam com a revolução científico-tecnológica de uma era pré-industrial ensaiada em todo o mundo, consistia em apenas dogmatizar os "fins" da Educação, procurando ainda manter o "status quo" do academismo que herdamos e praticamos desde o início deste Século. Esse erro político atrasou em grande parte o nosso desenvolvimento, como hoje reconhecem todos os brasileiros, em geral, mormente com o advento revolucionário de uma nova ordem política no nosso país desde 1964. A Lei 5692, de 1971, por isso mesmo, abalou ou sacudiu o sistema educacional brasileiro, porque trouxe o espírito e a vontade de reformular o Ensino com objetivo de Cultura e Técnico profissionalizante, de acordo com as nossas necessidades do desenvolvimento e segurança nacional, e isto que as próprias realidades étnicas, demográficas dos povos, dentre outros fatores, desaconselham hoje a adoção de modelos educacionais ultrapassados em sua significação pedagógica de integração social, que não atentem para expressar um novo signo do Politics Mundial, na antevisão dos tempos que advirão para formar uma sociedade diferente do homem-do-

futuro. O nosso receio do filosofo seria apenas o de que a Tocaia não destrua o homem em sua sociedade mais avançada, onde por certo tora como maior defesa os seus mais amplos conhecimentos da ordem política ditados pela alta expressão do cultivo das CIÊNCIAS SOCIAIS. A sociedade industrial do futuro será ainda uma sociedade -do-homem, mas não será de ninguém, sem alma, sem sentimento, sem DEUS. Assim, prosseguindo, veremos que, ainda recentemente (conforme se noticiou pela imprensa do nosso país), na XXXIV Conferência do Bureau Internacional de Educação, sobre tais assuntos ressaltou o Ministro CARLOS PASSARINHO que a divisão dos povos - não deva ser feita entre desenvolvidos e subdesenvolvidos, mas, sim, entre países onde a Educação se encontra em estágio avançado e outros, em que ela está atrasada. O Ministro da Educação do Brasil vê assim, por certo, a necessidade de se eliminarem certos princípios acadêmicos e dogmáticos que escleroseiam o nosso sistema político de Educação, isto é, que nos dotem para ganhar o tempo perdido com base em modelos educacionais dissonantes com a realidade ético-existencial ou ético-psicológico do nosso povo, vendo ainda que as ajudas bilaterais de outros países a esse respeito são mais interessadas em manter um "status quo" ideológico do que em rompê-lo para que cada nação se conscientize de sua própria nacionalidade soberana e se faça dona de seu destino no contexto mundial. Compreende-se daí, no entanto (interpretando-se), sob diferente prisma, que também por muitas razões a Educação nos países em desenvolvimento tende sempre para se fazer contrastante com a dos desenvolvidos, alguns destes mais conservadores do que realmente desenvolvidos, mais os estratificados por seu tradicionalismo histórico do que abertos às mudanças revolucionárias do humanismo de agora e do vir-a-ser. Na verdade, sob o ângulo de uma Política Social de larga visão, se há de reconhecer que o problema da Educação se faz peculiar a cada país, em que os interesses do Ensino se devem dividir com certas prioridades, ditados inclusive pela ordem de usos e costumes, pelas aspirações ou necessidades nacionais de cada um, para que todos se transcendam para fortalecer melhor os laços éticos em âmbito internacional sob um elevado princípio humanista de interesse mundial comum. Eis que os países jovens começam a viver e a trabalhar com os seus recursos para assim fazerem a sua tradição sob a influência das mudanças que ocorrem na sociedade atual, mas não pa,

ra go subjugarem a nenhum conservadorismo ultrapassado ou a nenhuma estroificação cultural dogmatizada, para desse modo não se predispossem a vertimação desses complexos tradicionais de domínio impostos por um falso desenvolvimentismo ideológico ou numerológico. Ora, sabe-se que o humanismo de muitas nações se acha estratificado sob uma marcante dimensão-dogmática vinda desde o classicismo greco-romano, restaurado na Idade Moderna por efeitos contrários nas correntes reacionárias do cientificismo e do iluminismo vistas no mundo ocidental até os fins do Século XIX, o próprio "cristianismo" se viu alterado em razão de um renascentismo dogmático-racionalista em face dessa revolução que restaurou o classicismo educacional modernista. De fato, por exemplo, no início clássico da Educação, não se concebia que os jovens das classes mais elevadas fossem educados para o trabalho em um sentido profissionalizante, artesanal, industrial, rural, etc., para viverem a sua custa, do seu esforço pessoal, Assim se educava mais para o lazer, parecendo paradoxal se dizer agora que será o problema deste mesmo lazer um dos mais difíceis a se resolver na sociedade industrial do futuro, pela falta de emprego que a dimensão tecnológico das Ciências desde já vem causando nas arcas de todas as atividades humanas. Num mundo de política-escravagista, o trabalho por certo fazia uma sociedade de classes, mas baseada na escravidão. Assim, numa sociedade dessa ordem, obviamente não se podia cogitar de uma plena Educação para todos. Sob esse prisma se fazem coerentes PLATÃO E ARISTÓTELES, quando tratam do problema da Educação em sua época, problema que se avulta com outros fatores negativos e circunstanciais na Idade feudal e moderna, principalmente depois da Revolução Francesa, da Revolução comunista e com o surgimento da nossa era pré-industrial, Nessa trajetória histórica, nota-se que a Educação se fazia sempre no interesse de fortalecer o domínio dos mais poderosos, assim desde a sociedade primitiva, feudalista, burguesa e colonialista. Eis o desafio dos novos tempos - a sociedade do futuro tora condições políticas e sociais para continuar repetindo os mesmos erros? - Que outras espécies do domínio e de escravidão nascerão daí? Todavia, a questão do se falar agora com mais ênfase para se reconstruir o homem transcendente aos interesses individualistas na ordem social e uma abertura de esperança sentida nos fins tumultuados deste Seculo

lo, vista na opressão natural deis contingências mutacionais a irreversíveis- da sociedade atual diante do um seu promissor e incerto futuro. Mas, na puçona margem qua temos para elaborar êste documento sobre a Política de Educação (principalmente em face da importância dos estudos sociais para o Ensino Brasileiro), nao nos cabaria o propósito do historiar esta mesma Educação desde os primórdios dos tempos, com todas as minúcias sistemáticas que o assunto reclamaria em obra de fôlego acadêmico a essa respeito (assunto que nao a de especialização do autor). Resta-nos sobre isto apenas a intenção de salientar o aspecto importante das Ciências Sociais para a nossa epoca (como vimos um "oriso filosófica do século atual", em "desafio da metafísica a razão", em "política e direito", obras cit.), notadamente pelo que o cultivo dos_ tas representa para a nossa area latina em desenvolvimento, para o nosso país, assim como para os países jovens do outros continentes que lutam contra ns adversidades do atraso em seus sistemas educacionais. Reporta-se, a esse respeito, ao qua dissera JOHN KENNEDY, em 1961, ao se dirigir ao Secretario da OEA para exprosar que a Educação constituía um - "meio de fortalecimento dos laços entre as nações da America". - Em 1967, na reunião dos Presidentes das Repúblicas Americanas, cm Punta del Este, formulou-se por todos eles uma declaração na qual ficou expresso que - " a Educação, a Ciência e a Tecnologia deveriam experimentar uma grari de expansão, ostabelecidos os programas nacionais em função do desenvolvimento global latino-americano". Tudo é esperança como tam. bom e desespero, mas para fortalecer esses laços ou para se chegar a essa elevada meta do desenvolvimento global, haveria de estar ai subentendido que a união dos poisos americanos depende de uma POLÍTICA melhor interdimensionada em sua ordem filosófica , experimental e dogmática, ressaltada como uma CIÊNCIA SOCIAL " mai

FINS E NOVOS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (SÍNTESE)

Digamos, pois, pelo visto até aqui, que a Educação é uma "política-social", que implica reformas substanciais na sociedade atual, não apenas para efeito de correções, mas para a criação de sistemas adequados às mutações e solicitações de um mundo que transpõe os tempos para desde já estar questionando o seu imenso futuro. Julgam muitos que o problema da Educação está agora mais relacionado com a Economia do que antes, porque a Educação é hoje uma forma de consumo ou de investimento nacional, que prepara o instrumental humano (mão-de-obra) o com vistas largas a estágios superiores dos sistemas de uma nova sociedade pos-industrial. Ora, polemiza-se agora esta questão, notadamente para se estar de acordo com as teses que falaria em reforma do Ensino para corrigir os parâmetros educacionais no sentido de estreitar o binômio "educação - economia", mas não num amplo sentido de se descobrirem novos rumos para as estruturas educativas diante de todas as necessidades culturais do homem, dentre as quais se encontra a econômica. A Educação é função da Política, de modo que cabe a esta estabelecer as suas reformas de Ensino inspiradas em uma Pedagogia filosófico-científica circunspecta que atenda também a dimensão de se buscar a formação dos talentos nacionais na ordem criativa e produtiva de todo o

saber. Essa função é sabedoria e técnica, que deve prever as necessidades de atender com precisão ao desenvolvimento na ordem econômica, mas também visando a libertar o homem-livre em sua tendência ou vocação para se aperfeiçoar nos altos estudos humanistas dos mais variados ramos do saber. Eis porque dissemos antes que a Sociologia, a Economia e outras Ciências Sociais devem ser "sustentação" da Política - para subsidiá-la ou ajudá-la em sua mais sábia ação a esse respeito. Ora, se a importância das Ciências Sociais vai se avultar no mundo futuro para que haja um humanismo mais consciente nas relações entre todos os homens, sabe-se que são os países jovens e que lutam bravamente pelo seu desenvolvimento que estarão mais atentos para cultivá-las com realismo e circunspecção, com novas idéias, não apenas teóricas, mas sensatamente amplas e práticas. Assim, poderia parecer um engodo ideológico ou numerológico que rerem agora certos economistas achar que se deve estandarizar a Educação para se atender aos seus fins, submetendo desse modo a Política a Economia, a Educação a uma técnica fria de consumo o investimento. Receia-se que alguns desses teóricos não tenham visto em prospectiva o grande mal que daí poderia advir, qual seja, dentre outros, o de "numerificar" ou "quantificar" a Educação para uso apenas linear de poderes duvidosos, com perda de sua funda ordem-qualitativa no formação de talentos que todo país necessita para, pelo menos, sonhar com um futuro melhor. Receia-se também que a Educação voltada unicamente para a Economia, considerado o estado conjetural em que esta Ciência ainda se encontra, operando apenas por suas dimensões experimental e dogmática, sem funde, penetração filosófica do seus elementos estruturais ou de suas simples formas básicas, - daí resulte no tempo uma materialização maior do chamado "homo-economicus", o qual, educado apenas sob este signo, acabaria por desafiar a "ética" que devo consubstanciar a própria razão da Economia como uma Ciência de alta expressão "social". Receia-se ainda que o euforia atual sobre o equacionamento do binômio "educação-economia", vista em muitos autores bem intencionados, seja também inspirada em uma Política ideológico-numerológica "de-fora" para, justamente, com seguir essa materialização em forma de robotizar grande numero de seres humanos em toda a parto por via da debilidade educacional, enfraquecendo o nível qualitativo da Cultura nos países em desenvolvimento. Por estranha coincidência se nota hoje um grande movimento em

rearticulação para se inovar atividades através de grandes empresas ditas como "multinacionais", cujos propósitos são ainda duvidosos tendo em vista a sua larga expansão nos países tidos como subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Ora, as mutações em Educação não implicam em uma necessária automatização das estruturas mentais do homem, muito menos como certos autores interpretam na sofisticada que pregam sobre a "educação-em-massa" - fruto da mecanicidade, jogando com a globalização do comportamento, reduzindo o significado da função do Mestre a pouco mais de nada, criticando-o como um elemento estéril do Escola do futuro. Acolhe-se a realidade das mutações em educação em face dos novos tempos, mas também se sabe que muitas mutações se teriam operado no curso histórico da Humanidade para se tornarem imutáveis em razão de seus princípios, enquanto outras se fazem críticas para se tornarem mutáveis nos momentos exatos em que falecem os princípios circunstanciais que apoiavam a sua razão estático-dinâmica. Assim se deve ter hoje em mente que certos movimentos teóricos especializados não passam de movimentos, como é o caso em voga das várias teorias de comunicação, da semiótica, da cibernética, etc. Tais movimentos, certamente, pois, não convenceram ou não confirmam que o homem seja normalmente passível de uma mecanicidade estreitável das suas dimensões de ordem natural. É claro que isto não invalida dizer que o homem atual sofre a ação totalizante de aperfeiçoados meios de comunicação - que subliminalizam muitos dos seus comportamentos, mas tal realidade observável vem constituindo um desafio a sua inteligência ou ao seu "resto" mecanicamente inexplicável. Nesse campo, reconhece-se, por exemplo, que certos comunicólogos, como MC LUHAN e outros, têm influido com algumas idéias bem assentadas ou observadas na Educação, idéias dignas de serem consideradas para certos estudos filosófico-científicos circunscritos de alto interesse político-social. Mas, de outro modo, também influem esses comunicólogos para que muitos autores mal informados façam interpretações estranhas de suas idéias para explorar o derrotismo, o pessimismo ou o niilismo a esse respeito, abrindo críticas monológicas ou de difícil abordagem para te-las corretamente discutidas na área da Educação com vistas às realidades do homem do futuro. Sim, todos os sistemas de Educação do mundo estariam vencidos em si mesmos, se tivessem de reconhecer que as Ciências exatas são mais absolutas do que as Ciências Meta-Físicas, assim vis

tas em comparação por uma espécie de grande ironia em face do ace-
nhado entendimento do homem a esse respeito. CIÊNCIAS FÍSICAS o
são em sua dimensão "META-FÍSICA" - ao contrário não existiriam pa-
ra nenhum conhecimento mais relativo ou menos absoluto que as clas-
sificassem como termos (Ciências) de uma se equação operável nessa
alta dimensão (meta-física) do entendimento humano. Assim, dizer ,
por exemplo, que as Ciências Físicas levarão o mundo a constituir
uma se unidade material do numerológico-econômico é querer materia-
lizar tudo para uma |redução meta-física insuportável, que nos con-
duz ao erro e o fazer uma imagem falsa do que possa ser o homem em
sua ascensão espiritual indescritível. Desse modo, quando se quejs
tiona se o Ensino é ensinável ou se a aprendizagem é aprendível, d-
ante de uma Educação defasada em razão dos valores desencontrados no
nosso mundo físico e meta-físico, está-se dentro de uma "crise" e_
pistemológica de ordem filosófico-científica, crise que sempre exis-
tiu na História da Filosofia ou na Filosofia da História, apenas mais
avultada para o homem dos nossos tempos, diante de um ciclo-cultu-
ral fechado no Século XIX e imprensado diante de um novo ciclo-cul-
tural que se deve abrir ou romper para a sua sociedade-do-futuro
Esse nos parece o maior drama do nosso Século XX, em que todos se
confundem como fazendo "ciência" e "tecnologia", mas sem atinarem
que nada fazem ou podem fazer sem abrir uma revolucionária "episte-
mologia" para a verdadeira CIÊNCIA-DO-HOMEM, por uma investigação mais
funda do entendimento "físico" e "meta-físico" a esse respeito, Essa
espécie de "crise" a que se refere, por consequência, afeta to_ do o
mundo social de hoje, notadamente no que diz respeito a sua
Ciência Política ainda embrionária ou não nascida, detida no tempo
desse desencontro ou dessa defasagem de: ordem física e meta-físi e a
que desequilibra o ser-inteligente para conhecer mais a sua própria
Ciência - a CIÊNCIA-DO-HOMEM. Eis que, nesse sentido, o mundo todo,
não se os países em desenvolvimento, sofre de um embrionismo educa-
cional em sua área política, diante de um ciclo-cultural findo e dos
imperativos de uma nova situação social surpreendente, vista entre
o pré-industrial e o pos-industrial. Sofre assim a Educação, por
consequente, a influência dessa sua contingência política, porque as
suas diretrizes e bases não alcançam a ordem das mutações que se o_
peram no mundo evolucionário de hoje, face as técnicas que a todo
instante se renovam absorvendo os interesses maiores de todos os

povos para acompanharem coisas mesmas mutações. Se, dentre essas teóricas, muitos conduzem ao sofisticado ou falso e não ao verdadeiro, sofrem os povos cada vez mais pela irrealidade em que se projetam pela ação irrefletida de seus governos em acompanhar utopismos insinuados como metas de seu desenvolvimento. Por isso mesmo, há de se compreender que o preparo fundamental de qualquer Ensino sofre, por essas causas ou por esses efeitos, eu por essas concausas ou por esses coefeitos, cerradas críticas nos impulsos incontidos para se achar que tudo tem de se reformar ou mudar nas áreas básicas da Educação. Confunde-se ainda nessas críticas o fundamental com o desnecessário para que se formule uma boa Política educacional em face do presente. Nota-se também que muitas teorias de especialistas de outras áreas são mais de ataque a vários problemas da Educação do que de defesa do fundamental para se emprestar soluções corretas a esses mesmos problemas. São sociólogos, economistas, psicólogos, comunicadores, técnicos, etc., que falam da Educação e de seus problemas, mas se observa que, dentre as muitas críticas advindas desses especialistas, muitas delas são, salvo exceções, opiniões soltas que pouco ou nada valem para aqueles que têm a grave responsabilidade de politizar o sistema educacional em seus verdadeiros termos filosóficos e científicos para o mundo de hoje e amanhã.

Os fins e objetivos da Educação Brasileira (2) alcançam, pela legislação vigente, grande significado em face das mu

(2) Várias têm sido as Reformas de Ensino no Brasil, desde 1854 (COUTO FERREZ), 1878 (LEÔNICIO DE CARVALHO), 1890 (BENJAMIM CONSTANT), 1919 (RIVADÁVIA CORREIA), 1915 (MAXIMILIANO), 1931 (FRANCISCO CAMPOS), 1942 (CAPANEMA) e, por último, com a Lei de Diretrizes e Bases nº 4024, de 20 de dezembro de 1961 (em parte revogada, mas mantendo explícitos os fins da Educação Brasileira), complementada e renovada (gestão do Ministro JARBAS PASSARINHO) pelo seu objetivo geral sobre o Ensino de 1º e 2º graus pela Lei nº 5692, de 1º de agosto de 1971.

tações e solicitações sociais da nossa época. Do ponto de vista filosófico, observa-se que tal legislação conseguiu, de um certo modo, politizar a Educação dentro de um contexto científico metódico avançado. Eis que, desse ponto de vista, procura a Educação dar ao Ensino uma dinamização logico-dialética de unificação e universalização, como também promove uma dinamização experimental de larga visão pedagógica integrada, obedecendo a uma consolidação de princípios do o maticamento renovados dentro do Sistema Educacional Brasileiro. A Educação, no nosso modo de ver, como uma função da Ciência Política, reflete em equação "meta-física" a mesma tridimensionalidade bás" desta - na sua ordem filosófica, experimental e dogmática. Por esse entendimento se sabe também que a dinâmica de todo processo educativo e "meta-física" em razão dessa tridimensionalidade básica . Através dessa tridimensionalidade, por conseqüência, na ordem logico-dialética, a Educação se interdimensiona pedagogicamente em razão do todas as unidades ou subunidades do entendimento humano , Eis porque, como uma função da Ciência Política- cabe a Educação estabelecer as suas reformas de Ensino inspiradas nesses princípios da Filosofia "metódica". Isto significa dizer, obviamente, que Educação faz refletir uma interrolação de suas diretrizes e bases, face de toda ou qualquer Ciência no vasto campo do entendimento humano, do conhecimento e do sentimento. Quando se fala, por exemplo, do binômio "educação-economia", "educação-sociologia", "educação psicologia", etc., está-se portanto se referindo a uma interdirnen - são pedagógica da Política Educacional em sentido filosofico-cienti^ fico amplo. Se a Lei 4024/61, de diretrizes e bases (em parte re vagada) não tinha atingido por si se a realização desses principio por retificação consubstanciada a nova Lei 5692/71 a manteve por seus fins ou aspirações, mas com um objetivo de integração que esta ultima expressa na ordem "experimental" conjugada com a "dogmática"¹ integração esta que compreende uma dinâmica educacional de renova ção permanente. Além disso, o última Reforma do Ensino Brasileiro consagrou os princípios político-administrativos de "descentraliza- ção" e "autonomia" da Educação em todo o país, medida certa para atender aos aspectos regionais do nosso grande território. Visou assim a enquadrar o cidadão brasileiro na linha "democrático" com vistas a segurança, ao desenvolvimento e a unidade nacional. Ao atender a ossos elevados princípios, dentre outros, a Política Educacio^

nal Brasileira reservou sabiamente para si mesma, em âmbito nacional, a autonomia de estabelecer os currículos do Ensino de 1º o 2º graus, ao lado do uma parte diversificada para atender, conforme as necessidades e possibilidades concretas, às peculiaridades locais, aos planos dos estabelecimentos e as diferenças individuais dos alunos. Ao Conselho Federal de Educação cabe fixar, para cada grau, as matérias relativas ao "núcleo-comum", definindo-lhes os objetivos e a amplitude. Filosoficamente, a idéia do núcleo-comum é defensável para dar base do unificação pedagógica ao Ensino Fundamental. Essa idéia - abrangendo "ciências", "estudos-sociais" e "comunicação" - expressão -, afigura-se correta dentro de um princípio bem pressuposto em sua ordem filosófico-metódica. Nesse caso, caberia apenas esclarecer que o Ensino das "ciências" implica também no Ensino dos "estudos-sociais". Essa distinção entre "ciências" e "estudos-sociais" é, de um certo modo, compreensível, mas criticável, ainda mais porque a CIÊNCIA POLÍTICA, a nosso ver, tem uma posição "vértice" para comandar o grupo das Ciências Sociais (Estudos Sociais) e se interessar por qualquer conhecimento ensinável, porque, ao seu super-sistema se deve sujeitar a formulação de qualquer entendimento filosófico, científico, teológico o artístico, mesmo que, para a Política, tal entendimento não se transpareça como de seu interesse imediato (ver capítulos anteriores deste documento). Num exame global para se abranger o significado do "núcleo-comum", nota-se também que a Reforma do Ensino não cogita de incluir nos currículos noções de "filosofia", e que nos parece um erro que vem sendo mantido inexplicavelmente desde muito na Educação Brasileira. Todo educando é um ser-categórico de ordem perceptual que necessita de formação epistemológica para motivar a abertura de sua inteligência no imenso campo do entendimento humano. Não se vai aqui examinar a fundo a questão da falta da FILOSOFIA nos currículos de Ensino, mas apenas observar que - o desprezo por tal disciplina em sua concepção metódica é uma lacuna que influirá negativamente na formação do educando, não se em relação ao Ensino Fundamental, como também em toda a sua vida de estudos, curso médio, superior, especializações, etc., delimitando em grande parte a expansão de seus conhecimentos na sua vida profissional. Argumenta-se mais - a ausência da Filosofia na Educação Brasileira lhe tira algo de espiritualização como se deixasse um vazio nas explicações mais significativas de qualquer

conhecimento objeto do estudo ou pesquisa nos currículos do Ensino. Essa ausência nos coloca em desvantagem educacional em confrontação com outros países, que se reservam pela Filosofia para sempre querer impor as suas idéias teóricas ou práticas a esse respeito junto a UNESCO ou a outros organismos internacionais dessa gama, ideias que muita vez não são as melhores para nós-mesmos ou nós-outros no campo do Ensino. Mas, essa crítica não tem em vista mostrar que as tendências futuras do tratamento científico da Educação são de convalidar a necessidade da Filosofia "analítico-metódica" como um instrumento de ordem lógico-dialética que alta penetração para promover reduções sintéticas no campo da Lingüística ou da Comunicação-e-Expressão sob uma nova orientação ontológica e epistemológica de unificação e universalização do entendimento humano. (ver nosso estudo "desafio da metafísica à razão", 1972, obra cit.)

Referindo-se ao Ensino de 1º grau (7 a 14 anos) se nos cabe enfatizar que, nessa fase de preparação dos jovens, os métodos de Ensino se devem estabelecer sob forma de seleção com vistas a incentivar qualidades latentes do educando, abertos as diretrizes ecléticas de formação e informação, com introdução de técnicas de aprendizagem, empregando material didático para tornar amplos os pontos de contato desse mesmo educando com as realidades do mundo que o solicitarão com mais vigor em sua vida de adulto e futuro. Quer dizer, sobre o Ensino Fundamental, parece-nos pacífico a adoção de uma Política Educacional abrangida nesses termos gerais, abrindo também aos jovens noções filosóficas que os dimensionem desde cedo a se adestrarem para o uso de suas faculdades perceptivas sob orientação epistemológica de ampla visão pedagógica. Sobre a questão dos livros didáticos, especificamente para o âmbito do Ensino Fundamental, julgamos também que tais livros deveriam obedecer a um esquema previamente traçado pelo Conselho Federal de Educação, visando a unificar e a universalizar as suas matérias dentro de uma sistemática filosófico-científica bem planejada. Quer dizer, a confecção do livro didático para o Ensino Fundamental obedeceria a um certo número de tópicos prioritários considerados indispensáveis, daí ficando livres os autores para elaborá-lo usando dos seus amplos conhecimentos a respeito.

Essa sistemática assim orientada abrangeria, exemplo, dois esquemas:

I - INTRODUÇÃO

a) HISTÓRIA - parte histórica da matéria objeto da livro

b) FILOSOFIA - parte de noções filosóficas sobre a significação do matéria como um todo unificado e universalizado de ensino disciplinar; interdimonsionalização da matéria com outros conhecimentos, inferindo-se a sua conjugação específica com a sua própria ordem experimental e dogmática em sentido amplo.

II - MATÉRIA

a) parte de sua dinamização científico-experimental - analítica de seus conceitos, estruturas ou idéias básicas como conhecimento; métodos, processos ou técnicas para a sua pesquisa; dinâmica de sua função na ordem de previsão, classificação, numerificação, quantificação, tipificação, concretização, exteriorização, etc. ;

b) parte de sua consolidação dogmática - diretriz de sua formação como sistema de conhecimento; preceituação de suas leis ou princípios supostamente válidos ou vigentes; dinâmica de sua função na ordem de sistematização, planificação, formalização, codificação, estatização, filiação, etc; e

e) parte de bibliografia - informação de livros e fontes acessíveis para facilitar ao educando os seus estudos e pesquisas.

Pensamos ser importante essa esquematização sugerida, visando ao fim de orientar melhor o Ensino Fundamental em seu cerno nuclear, na sua confrontação "professor-aluno" principalmen-

te tendo em vista imprimir maior uniformização a didática através de livros ou documentos de uso na Escola. Pensamos também que essa esquematização influirá beneficentemente para diminuir a defasagem sentida entre os que teorizam nas Ciências em geral e os que praticam o ensino destas mesmas Ciências ao nível das escolas, porque os autores de livros didáticos terão que obedecer a tópicos prioritários considerados indispensáveis para atualizar a matéria que|equacionam ou desenvolvem para os fins específicos do Ensino Fundamental.

Quanto a dinâmica do processo educativo em qualquer área do Ensino (fundamental, Médio, Superior), sob funda ordem "meta-física" tem-se que ela se deve explicitar para inicialmente sempre comunicar e expressar o fato-síntese" do que se quer ensinar na dimensão prática. Por exemplo, o fato-síntese, nesse caso, seria um fato-filosófico, científico, teológico ou artístico. Se se ensina a Ciência, tal fato seria o fato-físico, o fato-político, o fato-social, o fato-econômico, etc.

Ao professor cabe explicitá-lo como um fato-síntese observado ou observável em ordem "metafísico-positiva"¹ para educando. A ele cabe ainda submetê-lo a uma análise - que o demonst_ tro como uma simples palavra, um texto, uma obra, uma existência , uma consistência, uma história, um mundo, um infinito ...

Esse processo signacional mostraria ao educando que todo fato-síntese é ontológica e epistemologicamente uma idéia de-le, um número, um juízo, um conceito, um valor, uma relação, uma quantidade, uma qualidade, uma modalidade, uma dedução, uma indução, uma adução, uma comparação, uma semelhança, etc, - impressões que se exteriorizam para corporificar aquele mesmo fato como sendo também (principalmente para o educando) - um fato-coisa, concreto, exterior, relativo, etc. Por isso mesmo, a nosso ver, esse processo seria sempre um ensaio em constante renovação sobre a fenomenologia do entendimento, do conhecimento e do sentimento.

Ora, com essa dinâmica, podem-se evitar tanto quanto possível as definições do que seja o fato-síntese da Ciência que se estuda ou se ensina, cuja compreensão se faz maior para o educan

do - ao qual assim se abre perceptualmente uma extensão livre para formar a sua própria ideiação, signação ou conotação comunicável e expressável a respeito do observado, ensinado ou aprendido. Com essa dinâmica abre-se também ao educando maior margem criativa e produtiva para as suas próprias indagações ou investigações, para que não fique só sujeito aos chavões (decorar conceitos, definições, etc.), ao prato-feito, a coisa-pronta, à automação ou a massificação de seu ensino ou aprendizagem - no adestramento de suas faculdades categóricas, naturais e reflexas, da singularidade de seu espírito. Eis que assim também se mostra ou se comprova quão necessário e útil continuará sendo o professor na escola-do-futuro''.

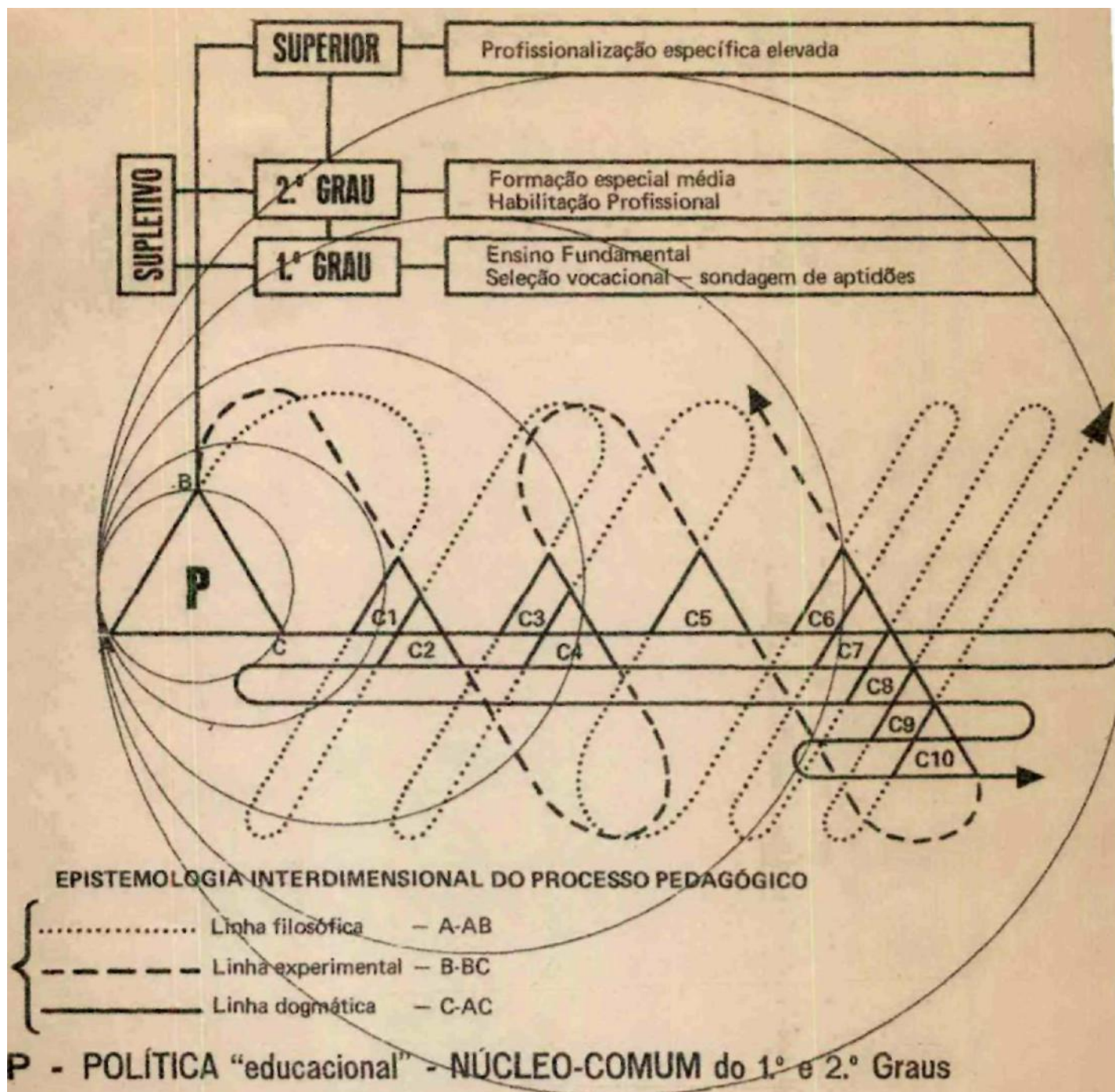
No que respeita aos altos interesses do nosso país, cujo estágio de Educação se encontra ainda em recuperação do tempo perdido, essa Política Educacional é de suma importância, principalmente para atender a ordem qualitativa do Ensino e a seleção dos educandos, no sentido de que, desse modo, por uma dinâmica bem estudada do processo educativo, se preserve a formação dos futuros líderes ou de grandes valores necessários ao Brasil. Sob a direção "profissionalizante", conforme o espírito da legislação vigente, a figura-se acertado que no Ensino Fundamental (1º grau) se deve apenas fazer "sondagem" de aptidões em relação ao educando; a parte de formação especial teria um objetivo mais explícito de "habilitação-profissional" no caso do Ensino Médio (2º grau).

Em suma, para encerrar as nossas observações sobre a questão das CIÊNCIAS SOCIAIS (Estudos Sociais) no Ensino Fundamental, reportando-se à própria análise que fizemos a esse respeito em todo este Documento, achamos que, de acordo com a própria ordem filosófico-científica, todas essas Ciências deveriam ser ensinadas a partir de uma "globalização", tendo como vértice ou centro a CIÊNCIA POLÍTICA (Política Social). Parece-nos também oportuno sugerir, a esse respeito, que a disciplina EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA de

ve fazer parte dessa globalização liderada pela mesma Ciência Política. So os nossos pontos de vista podem divergir de outros em face de tendências especializadas em cada uma dessas Ciências, ou de concepções diferentes sobre a especificidade da POLÍTICA, nossa convicção e a de estarmos trazendo a esse respeito uma 'tese" ou "antítese¹' defensável para sugerir essa globalização metódica, conformo fundamentamos largamente no presente trabalho.

ESQUEMA I

DEMONSTRAÇÃO METAFÍSICO-POSITIVA DA POLITICA EDUCACIONAL NA ÚLTIMA REFORMA DO ENSINO BRASILEIRO

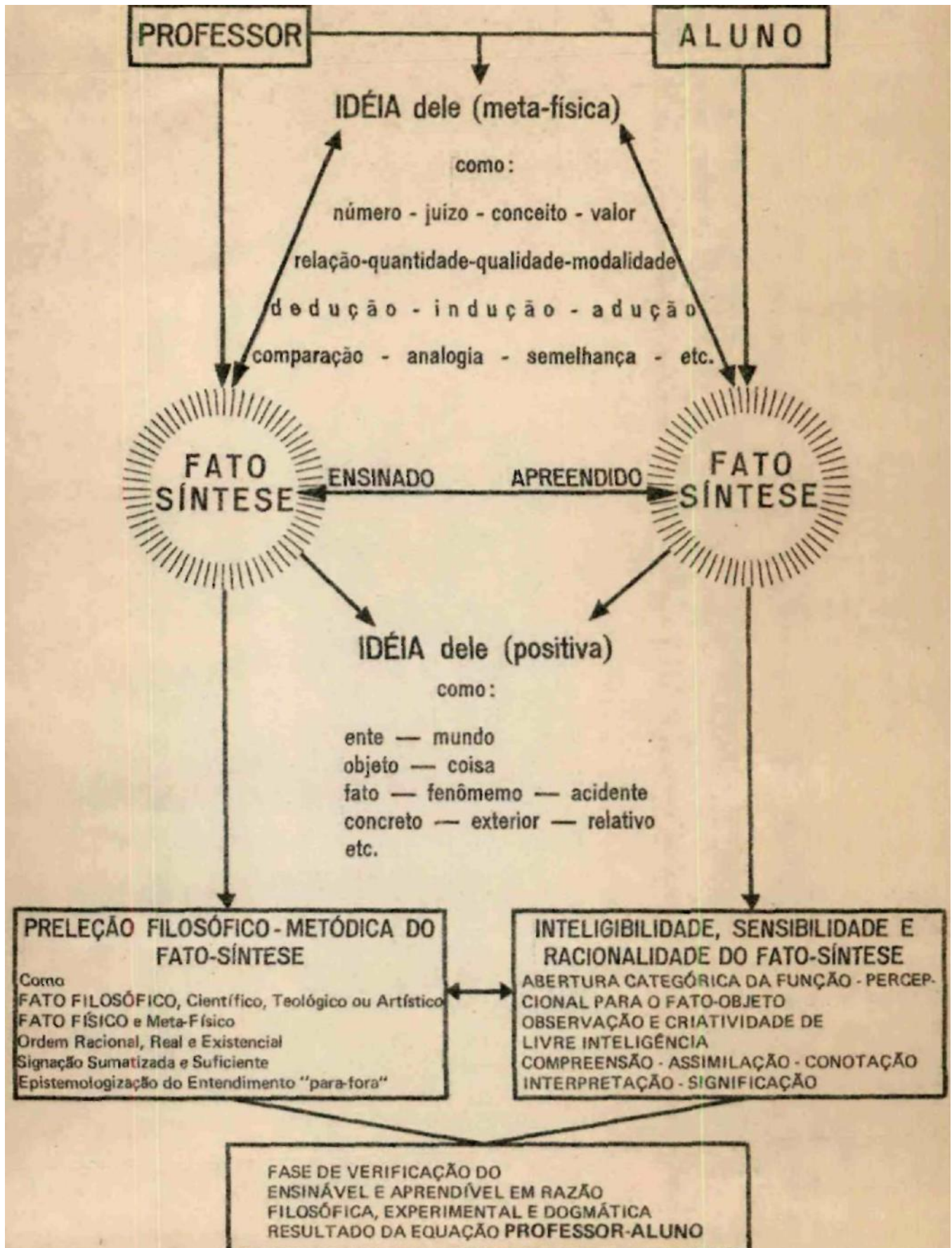


- C1 - COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (Linguística perceptual)
- C2 - EPISTEMOLOGIA FILOSÓFICO - CIENTÍFICA (Noções da Investigação do Entendimento)
- C3 - CIÊNCIAS SOCIAIS (Iniciação às Ciências Sociais - Integração Social ou Estudos Sociais)
- C4 - CIÊNCIAS FÍSICAS (Iniciação às Ciências Físicas e Biológicas) - Ciências instrumentais, inclusive Matemática
- C5 - EDUCAÇÃO FÍSICA, ARTÍSTICA, MORAL-E-CÍVICA - PROGRAMAS DE SAÚDE - ENSINO RELIGIOSO
- C6 - C7 - C8 - C9 - CIO - PARTE DIVERSIFICADA (Completa o "Currículo Pleno") - No 19 GRAU as matérias são tratadas como atividades ou áreas de estudo; no 29 Grau, como disciplinas - No currículo pleno, há uma parte de "educação geral", e outra de "formação especial".

ESQUEMA II

DINÂMICA DO PROCESSO EDUCATIVO

MÉTODO DE REDUÇÃO META-FÍSICA NA FUNDA ORDEM EPISTEMOLÓGICA DA PEDAGOGIA E DO ENSINO



EDUCAÇÃO "IDEIA-OBRA" NO TEMPO - BIBLIOGRAFIA

Quanto à Bibliografia , tem-se que a "ideia-obra" da Educação é uma se, devendo ser buscado em seu fundamento perceptual na dimensão histórica dos grandes clássicos da Filosofia, desde o período pré-socrático, A Bibliografia referente aos filósofos o essencial, mas o seu elenco não seria aqui necessário os pacificar, pois que se faz ele subentendido como de ordem básica para o estudo da Educação. Perceber essa ideia é pois estar num roteiro certo para pensá-la sob uma razão bibliográfica diretiva dos noções indispensáveis a esse respeito, Esse roteiro nos ajuda, mas também nos mostra que essa ideia-obra e antes do pensá-la para construí-la, daí se verificar pela História da Filosofia da Educação que esta e sempre objeto do "filosofar" • Essa ideia seria assim incerta sob esse aspecto para uns e outros na própria visão que se objetiva para tratá-la como sistematizada em sua ordem experimental ou dogmática, No que tange à sua comunicabilidade , transpõe-se assim tal ideia como um elevado estudo meditado para a sua aplicação teórica e prática, Esse estudo teria sempre um caráter flexível nas ideias correlatas que traduz a "ideia-obra " da Educação, A sua reflexão exige também a sua construção científica, na ordem do pensamento crítico, como especulação, experimentação ou dogmatização. Por isso mesmo, incute a necessidade do debate, controvérsia, antiteticismo metódico, tudo que nos aviva para circunstanciar-la como racionalidade a realidade do nos- mesmos

e nos-outros como soros inteligentes, Torna-se assim essa ideia fecundada nosso roteiro bibliográfico» Dela cuidaram todos os grandes filósofos, PLATAO, ARISTÓTELES, TOMAS DE AQUINO, DESCARTES, KANT, HEGEL, LOCKE, RUME, COMTE, SPENCER, PEIRCE, W. JAMES, DEWEY, BERGSON, GASSET, RUSSELL, KIERKEGAARD, HEIDEGGER, SARTRE, MARCEL, ETC,, uns não tão especificamente como os afeiçoados educadores, mas todos visando a ela como mais do que uma palavra, um texto com um alto significado do "ideia-obra" do ser-inteligente no mundo, A Filosofia "metódica" pode hoje situar a Educação nesses elevados termos para expressá-la em uma razão equacionada da redução "meta-física", inclusive para enfrentar o problema de uma sua intercomunicabilidade cultural bem mais intenso e qualificada a esse respeito. Todavia, a comunicabilidade humana visara as simples formas de um apurado entendimento ante a problemática do perceber pensar sobre a Educação, mas por uma lingüística mais significativa em forma, matéria e conteúdo, notadamente por um método de redução filosófico-científica que suprimira o perfunctório, o prolixo,, o sofisticado, o superficial, o linear imitado e repetido, ou seja o por demais erudito ou acadêmico do um exato sabor no que a isso concerno. Eis que se nota hoje um fecundo debate bibliográfico voltado para o campo da Educação, mas também disperso, insistemático ou assistemático, em que todos tratam da sua "ideia-obra" porém sem atinar com um método da redução para tê-la em unificação O universalização perceptual, simplificadamente, programaticamente. A nossa crítica a esse respeito se resume em assinalar que a maior parte dos debates bibliográficos do nosso tempo sobre a Educação ressa de lastro filosófico para fazê-lo. São dezenas e dezenas de livros ou escritos que surgem sobre Educação, desde principalmente a década de 1960, todos que se alinham para sustentar pequenas ou grandes inclinações informativas ou interpretativas Sobre as mutações dos nossos tempos e da necessidade das grandes reformas no Ensino. A dispersão dos debates que se nota a esse respeito se fez também aparente, em grande porte mais com o fim de mudar a lingüística para focar os mesmos problemas do que para equacioná-los sob outra dimensão e permitir desse modo um avanço filosófico-científico nessa direção. Tem-se dificultada assim a opção por se selecionar um roteiro bibliográfico para os maiores interessados em aplicar e aprender esses ensinamentos (sem

se confundiram), que são os professores e educandos, Porque como também que os especialistas de várias áreas do conhecimento, com raras exceções, invadem o campo da Educação - mais para impor as suas convicções especializadas do que para abranger a fundo a "ideia-obra" educacional, Ve-se nisto um interesse inusitado pelo problema da Educação, na nossa época, interesse que do fato abreco esta grande causa do homem, mas também, por isso mesmo, vê-se a necessidade de aproveitá-lo com maior rendimento para o Ensino - no sentido de melhor preparar o homem na ordem das mutações si mesmo ou de sua sociedade. Sobre a questão do livro-didático, no âmbito do Ensino Fundamental, parece ponto pacífico que a Bibliografia deve ser dirigida por uma Política Educacional normativa, como sugerimos no capítulo anterior, "in fine". Em suma, desse modo indicamos uma Bibliografia, conforme nos é solicitado para a apresentação deste Documento ao Ministério da Educação, mas também ressaltando que não se acha ela completa ou sem omissões involuntárias, que seja a melhor, porque, como dissemos, em nenhuma Bibliografia sobre a Educação se pode prescindir do conhecimento das obras dos grandes clássicos da Filosofia "puro" o "moral". Toda Bibliografia fora desse conhecimento seria sempre relativamente aproveitável para o mais amplo estudo da Educação ou, por assim dizer, sujeita a uma constante renovação de acordo com a simples objetividade que ela enseja momentaneamente no que a si se respeita.

BIBL

AZEIVEDO, FERNANDO DE

BONAVIDES, PAULO

(F.G.V.)

BUCKMAN, PETER

BRAMELD, THEODORE

BRECHT, ARNOLD

CARDOSO, F. HENRIQUE/.

OCTAVIO IANNI

COHN, GABRIEL

CROSSON, FREDERICK

DAHAL, ROBERT A.

DEWEY, JOHN

DOTTRENS, ROBERT

- EASTON, DAI/ID
- "Modalidades do Analise político" - 1970 (Zahar)
 - "Uma teoria de analisa politica" 1968 (Zahar)
- FAURE, EDGAR
- "Apprendre à etre" - 1972 - (UNESCO Fayard)
- FERKISS, VICTOR C.
- "O homem tecnológico" (mito o realidade) - (Zahar)
- FERRI, ENRICO
- "Sociologia Criminal" - 2 vols, (Centro Editorial do Gongora, Madrid)
- FIGUEIREDO, J.C.
- "Fundamentos históricos o filosóficos da Educação - 1973 - (Oupitor)
- FOOTLICK, JERROLD K.
- "Uma nova era para a Educação" (Bloch)
- FREYRE, GILBERTO
- "Alem do apenas moderno" - 1973 (3osé Olympio Editora)
- FRIEDRICH, CARL J.
- "Uma introdução a teoria politica"- 1970 (Zahar)
- FURTER, PIERRE
- "educação e Reflexão" - 5ª ed. 1972 (Vozes)
- GIDE, CARLOS
- "Compêndio d'Economia Politica" 25ª ed. - 1951 (Globo)
- GUSMÃO, PAULO DOURADO
- "Manual do Sociologia" - 3ª ed.1970
 - "Teorias sociológicas" - 2ª ed.1968 (Forense)
- GREAVES, H, R.
- "Fundamentos da teoria politica" 1969 - (Zahar)

- HADFIELD, JAMES - "Manual do Política" - 1967-(Zohar)
- HANSON, JOHN W./G - "Educação o dEsEnvolvimento" - (I
 COLE S. BREMBECK brasa)
- KILPATRICK, W. H. - "Educação poro uma civilização em
 mudança" - (Melhoramentos)
 - "Filosofia du l- Educaci6n" - 3ª ed
 1946 - (KILPATRICK o outros - Edito-
 rial Losada, Buenos Aires)
- KLINEBERG, OTTO - "Psicologia Social" - 2ª ed. -1963-
 (Fundo de Cultura)
- LINS, IVAN - 'Historia do positivismo no Brasil"
 1964 - (Editora Nacional)
- LIPSON, LESLIE - "Os grandes problemas da Ci6ncia Po
 lítica" - 1967 - (Zahar)
- LIPSET, SEYMOUR - "Politica e Ci6ncias Sociais"
 (Zahar)
- LUZURIAGA, LORENZO - "Ideas pedag6gicas dol siglo XX"
 (Selecion y notas; Estúdios do di_
 versos autores) - 1954 - (Editorial
 Nova, Buenos Aires)
- MABBOTT. J. D. - "O Estado o o Cidad6o" - 1968
 (Zahar)
- MANNHEIM, KARL - "Liberdade, poder e planifica6o de_
 mocrática" - 1972 - (Mestre Jou)
 - "Diagnostico do nosso tempo" - '3ªed
 (Zahar)
 - '•" Introdu6o a Sociologia da Educa-
 6o - Obs: este livro de MANNHEIM/
 o W.A.C..STEWART - (Cultrix)

- MOURA CASTRO, CLAUDIO - "Desenvolvimento economico, Educaçã
o Educabilidade" - 1972 (Tempo Brasi
leira)
- MARROU, HEMRI-IRÍNÍE - "Historia da Educaçã
na Antiguida
du" - 1971 (Herder)
- MARX, KARL - "O Capital" - Livros I o II - 2ª ed.

(Civilizaçã
o Brasileira)
- NASH, PAUL - "Autoridade e Liberdade na Educaçã
o"
(Bloch)
- OLIVEIRA FILHO, BENJAMIN - "A Filosofia Social da AUGUSTO COMTE"
1954 - (Editor G. Haddad)
- PACINI, DANTE - "Existencialismo, Positivismo e Mato,
rialismo" - 1958 - (Ed. Cravinhos)
- "Crítica do Conhecimento Humano"
(Interdimensionalidade filosófico
cientifico) - 1960 - (Editora Cravi
nhos, SP)
- "Sínteses o hipoteses do ser-humano"
(Sentidos, experiência a conhecimen
to) - 1967 - (Eldorado)
- "Crise filosófica do Século atual
(ensaio sobre a fenomenologia do en
tendimento, do conhecimento e do sen
timento) - 1969 - (Distribuidora RE
CORD)
- "Problemática de uma nova filosofia
metafísica do comunicação do entendi
mento humano" - 1970 - (Dist.RECORD)
- "Desafio da Metafísica a Razão"
(Questões do nosso mundo metatisico
inteligente no limiar da era tecnolo
gica ou no intervalo de duas eras) -
1972 - (BORSOI)

- "'Política o Direito" (Filosofia e Ci_
ência) - 1973 - (BORSOI
- PARSONS, TALCOTT/g outros - "Sociologia Política" (Textos basi -cas
das Ciências Sociais)-(Zahar)
- PEARSON, .LESTER B./E
- MALCOM S. ADISESHIAH - "Desenvolvimento global: utopia da
realidade"? (Serio Informação e COMU-
nicação) - (F.G.V.)
- PIAGET, DEAN - "Para onde vai a Educação"? - 1973 -
(Dose Olympio Editora)
- PICKERING, SIR GEORGE - "O desafio à Educação" - (Zahar)
- PONCE, ANÍBAL - "Educação e luta de classes"-1963
(Fulgor)
- REBOUL, OLIVIER - "La Philosophia do "education"
1971 - (Presses Univorsitaires de
France)
- REIS, FIDELIS - "Homens e problemas do Brasil" -Pre-
facio de FRANCISCO CAMPOS - 1962 (Dose
Olympio Editora)
- SCHEMWEBEL, MILTON - "Educação para quem"? (Cultrix)
- SCHILLING, KURT - "Historia das idéias sociais"-1966 -
(Zahar)
- SELIGMAN, EDWIN R.A./e - "Economia e Ciências Sociais" -(Tex-
outros tos básicos das Ciências Sociais)
(Zahar)
- SICHES, LUIS RECASENS - "Tratado Geral do Sociologia" - 1ªed
1956 - (Ed. Porrúa, México)

- "Político e Direito" (Filosofia e Ciência) - 1973 - (BORSOI)
- PARSONS, TALCOTT/u outros - "Sociologia Política" (Textos básicos das Ciências Sociais)-(Zahar)
- PEARSON, LESTER B./e
- MALCOM S. ADISESHIAH - "Desenvolvimento global: utopia da realidade"? (SÉRIE Informação e Comunicação) - (F.G.V.)
- PIAGET, JEAN - "Para onde vai a Educação"? - 1973 - (José Olympio Editora)
- PICKERING, SIR GEORGE - "O desafio à Educação" - (Zahar)
- PONCE, ANÍBAL - "Educação o luta do classes"-1963 (Fulgor)
- REBOUL, OLIVIER - "La Philosophie de l'éducation" 1971 - (Presses Universitaires de France)
- REIS, FIDELIS - "Homens e problemas do Brasil" - Prefácio de FRANCISCO CAMPOS - 1962 (José Olympio Editora)
- SCHEMWEBEL, MILTON - "Educação para quem"? (Cultrix)
- SCHILLING, KURT - "História das idéias sociais"-1966 - (Zahar)
- SELIGMAN, EDWIN R.A#/e outros - "Economia e Ciências Sociais" -(Textos básicos das Ciências Sociais) (Zahar)
- SICHES, LUIS RECASENS - "Tratado Geral de Sociologia" - 1ª ed 1956 - (Ed. Porrúa, México)

TEIXEIRA, ANISIO	"Educação no Brasil" - 1969:- - (Edi re Nacional)
TORLONI, HILÁRIO	"Estudos de problemas brasileira;:-'' 2- ed - (Livraria Pioneira)
TOYNBEE, ARNOLD	"A Sociedade do Futuro" - 1973 (Zahar)
WEBER, MAX	"Ensaio de Sociologia" - 2- ed. bra_ sileira - (Zahar)
WHITEHEAD, ALFRED NORTH	"Os fins da Educação e outros ensaios" - 1969 - (Editora Nacional)
UNESCO (coletânea de Artigos)	- "A,crise do Ensino" - 1971 (F.G.V)
Revista EDUCAÇÃO HOJE	- Série de números (Brasiliense)
Reviste MANCHETE (Especial)	- "O desafio do Educação' - Varios autores (Suplemento nº 1103)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)